

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS NÍVEL  
DE MESTRADO EM LETRAS ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES  
ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

**LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: TESTEMUNHO E  
RESISTÊNCIA EM *O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?***

**ÉRICA DIAS DE JESUS**

**GUARAPUAVA - PR  
2022**

**ÉRICA DIAS DE JESUS**

**LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: TESTEMUNHO E  
RESISTÊNCIA EM *O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira.

**GUARAPUAVA - PR  
2022**

Catálogo na Publicação  
Rede de Bibliotecas da Unicentro

J58l Jesus, Érica Dias de  
Literatura como lugar de memória: testemunho e resistência em O que os cegos estão sonhando? / Érica Dias de Jesus. -- Guarapuava, 2022. x, 79 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura, 2022.

Orientadora: Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira  
Banca Examinadora: Suely Leite, Nilcéia Valdati

Bibliografia

1. Literatura de testemunho. 2. Memória. 3. Noemi Jaffe. 4. O que os cegos estão sonhando? I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD B869



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**Érica Dias de Jesus,**

**“LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: TESTEMUNHO E  
RESISTÊNCIA EM *O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?*, DE NOEMI JAFFE”**

**Dissertação aprovada em 25/02/2022 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:**

*Nírcia Cecília Ribas B. Teixeira*

---

Profa. Dra. Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO) - Presidente/Orientadora

*Suely Leite*

---

Profa. Dra. Suely Leite (UEL) - Membro Titular

*Nilcéia Valdati*

---

Profa. Dra. Nilcéia Valdati (UNICENTRO) - Membro Titular

**GUARAPUAVA-PR  
2022**

Para minha amada e querida mãe, Leonor Dias de Jesus (*in memoriam*), meu marido Fabiano, meus filhos: Júlia e Pedro, e ao colega do mestrado Egon Luiz da Rocha (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, fé e perseverança que me permitiram caminhar, mesmo nos momentos de tempestade.

À professora Dra. Níncia Cecília Borges Ribas Teixeira, minha orientadora, por todos os ensinamentos, paciência e parceria durante essa caminhada. Serei eternamente grata por toda segurança que me transmitiu e pela grande oportunidade de poder ser orientada por alguém que é referência não só na área de Letras-Literatura como também na área da Educação do Paraná.

A todos os meus professores da graduação e da pós-graduação. Especialmente para aquela que se tornou amiga e inspiração, minha professora da graduação, Ma. Neusa Moro.

À professora Dra. Suely Leite, pela gentileza, empenho e contribuições valiosas para esta pesquisa, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora da qualificação e da defesa.

À professora Dra. Nilcéia Valdati, pela generosidade, ensinamentos, sugestões e contribuições fundamentais que iniciaram durante as aulas ministradas na disciplina do mestrado e seguiram na qualificação; e por compor a banca examinadora da defesa.

Ao meu marido Fabiano, que sempre me apoiou e incentivou incondicionalmente em todas as minhas escolhas.

Aos meus filhos, Júlia e Pedro, fontes de inspiração e motivação para mim.

À minha família e aos meus amigos.

A uma grande amiga que conheci no ano de 2016, Lorena Mocci Milano. Graças à sua amizade e incentivo, passei a me dedicar ainda mais aos meus projetos e correr atrás dos meus sonhos.

Aos colegas da turma do Mestrado, minha admiração e carinho, sobretudo àqueles que contribuíram para tornar a caminhada mais leve. Um agradecimento especial às amigas que o PPGL trouxe: Andriele Aparecida Heupa, Daiane Cristina Moreira de Souza e Flávia Gumieiro Vieira, pelas partilhas, sugestões, incentivo e pela paciência. Sem vocês, certamente, teria sido mais difícil.

À minha amiga Silvana Cattelan, por todo apoio e contribuições preciosas antes e durante a construção desta pesquisa.

*A arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes.*

*Seligmann-Silva*

## RESUMO

Ao retratar as experiências limítrofes de indivíduos que foram vítimas de eventos históricos traumáticos, as narrativas de testemunho nos possibilitam refletir sobre a humanidade e seus limites, sobre a ética e sobre a maldade humana, sobre a morte e sobre a dor. Dessa forma, o compromisso com o real é uma das principais características da literatura de testemunho, pois ao abordar esses acontecimentos e temas, ela viabiliza a entrada da escrita de uma sobrevivente na cultura letrada. Soma-se a isso a relevância que a escrita de autoria feminina tem ganhado nos últimos anos, uma vez que os escritos de mulheres por muito tempo foram alvo de preconceito e estiveram excluídos do cânone literário. Nesse sentido, justificamos que é importante tirarmos do silenciamento esses grupos de minoria da literatura para que possamos compreender a diversidade, a cultura e a história, bem como, dar visibilidade a eles. Para isso, é de extrema importância levantar a questão do testemunho na literatura produzida por mulheres, compreendendo sua relevância ao debate crítico contemporâneo. Assim, escolhemos para nossa pesquisa o livro *O que os cegos estão sonhando?* (2012), de Noemi Jaffe, buscando analisá-lo como lugar de memória, em que as escritas de três narradoras evidenciam formas de testemunho e resistência contra o patriarcalismo e o nazismo, ao denunciar através das perspectivas da sobrevivente do Holocausto (Lili Jaffe) e de sua filha (Noemi Jaffe) e neta (Leda Cartum) as atrocidades e crimes praticados ao longo da história. Tendo isso em vista, nosso objetivo principal é revelar de que modo a literatura de testemunho passa para uma literatura de resistência. Esses apontamentos e análises guiarão este trabalho para uma discussão relevante que tem o objetivo de compreender narrativas de testemunho em obras literárias, que nos permitem abrir diálogos produtivos com os conhecimentos dos campos histórico e cultural. Para realizar tal estudo, utilizaremos o método hermenêutico que é mediador no processo de interpretação dos textos. Como aporte teórico nos respaldaremos em Lúcia Osana Zolin (2009; 2019), Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008) e Níncia Cecília Borges Ribas Teixeira (2009), para abordar a literatura de autoria feminina; Maurice Halbwachs (2004) e Joel Candau (2018), para tratar sobre o conceito de memória; Giorgio Agamben (2008; 2009) e Márcio Seligmann-Silva (2003; 2008) serão nossos aportes a respeito do testemunho e Alfredo Bosi (1996; 1997; 2002) corroborará com a questão de resistência. Com isso, nosso objeto de estudo configura-se como um lugar de memória, que por meio da escrita de autoria feminina representa testemunho e resistência às barbáries cometidas em Auschwitz, numa tentativa de também diminuir a dor do trauma. E ainda, proporcionar aprendizado e reflexão, para não repetir um erro tal qual o Holocausto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de testemunho; Memória; Noemi Jaffe; *O que os cegos estão sonhando?*

## RESUMEN

Al retratar las experiencias limítrofes de individuos que fueron víctimas de acontecimientos históricos traumáticos, las narrativas testimoniales nos permiten reflexionar sobre la humanidad y sus límites, sobre la ética y la maldad humana, sobre la muerte y el dolor. De esa manera, el compromiso con lo real es una de las principales características de la literatura de testimonio, ya que al abordar estos sucesos y temas, ella permite la entrada de la escritura de un superviviente en la cultura letrada. A ello se suma la relevancia que ha ganado en los últimos años la escritura de autoría femenina, ya que durante mucho tiempo los escritos de mujeres fueron blancos de prejuicios y quedaron excluidos del canon literario. En este sentido, justificamos que es importante sacar del silenciamiento a estos grupos minoritarios de la literatura para que podamos entender la diversidad, la cultura y la historia, así como, darles visibilidad. Para ello, es sumamente importante plantear el tema del testimonio en la literatura producida por mujeres, entendiendo su relevancia para el debate crítico contemporáneo, así que elegimos para nuestra investigación la obra *O que os cegos estão sonhando?* (2012), de Noemi Jaffe, buscando analizarlo como un lugar de memoria, en el que los escritos de tres narradoras evidencian formas de testimonio y resistencia contra el patriarcado y el nazismo, al denunciar a través de las perspectivas de la superviviente del Holocausto (Lili Jaffe) y de su hija (Noemi Jaffe) y nieta (Leda Cartum) las atrocidades y crímenes cometidos a lo largo de la historia. Así pues, nuestro principal objetivo es revelar de qué manera la literatura de testimonio pasa a ser una literatura de resistencia. Estos apuntes y análisis orientarán este trabajo hacia una discusión relevante que pretende comprender las narrativas del testimonio en las obras literarias, que permiten abrir diálogos productivos con los conocimientos del campo histórico y cultural. Para llevar a cabo este estudio, utilizaremos el método hermenéutico que es mediador en el proceso de interpretación de los textos. Como aporte teórico nos apoyaremos en Lúcia Osana Zolin (2009, 2019), Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008) y Níncia Cecília Borges Ribas Teixeira (2009), para abordar la literatura de autoría femenina; Maurice Halbwachs (2004) y Joel Candau (2018), para discurrir sobre el concepto de memoria; Giorgio Agamben (2008, 2009) y Márcio Seligmann-Silva (2003/2008) serán nuestros aportes a respecto al testimonio y Alfredo Bosi (1996, 1997, 2002) corroborará con el tema de la resistencia. Con eso, nuestro objeto de estudio se configura como un lugar de memoria, que a través de la escritura de autoría femenina representa testimonio y resistencia a las barbaridades cometidas en Auschwitz, en un intento de disminuir también el dolor del trauma. Y aún, proporciona aprendizaje y reflexión, para no repetir un error como lo que fue el Holocausto.

**Palabras clave:** Literatura de Testimonio; Memoria; Noemi Jaffe; *O que os cegos estão sonhando?*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 LITERATURA CONTEMPORÂNEA: MULHERES E ESCRITA.....</b>	<b>16</b>
1.1 Estudos Culturais e literatura: diálogo possíveis.....	28
<b>2 O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?: MEMÓRIA E TESTEMUNHO NA ESCRITA DE MULHERES.....</b>	<b>31</b>
2.1 Literatura: lugar de memória.....	36
<b>3 NARRATIVA DE TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA: LILI, NOEMI E LEDA VOZES QUE NÃO SE CALAM.....</b>	<b>42</b>
3.1 Escrita e resistência: diálogos entre gerações.....	57
3.2 Noemi Jaffe: crítica e resistência.....	61
3.3 Leda Cartum: escrita e não esquecimento.....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

Iniciamos este estudo discorrendo sobre a escolha de nosso objeto de pesquisa, o livro *O que os cegos estão sonhando?* (2012), bem como sobre sua autora, Noemi Jaffe. Nossa afinidade com a literatura de autoria feminina foi o primeiro motivo que nos influenciou na busca por essa obra. Fugimos dos clássicos, não porque os consideramos menos importantes, mas pelo fato de já haver muitos estudos direcionados a eles. Não é de hoje que podemos ler escritas de excelência de autoras brasileiras, desse modo, teríamos vários motivos para optarmos por alguma dessas. Além disso, procuramos afunilar nossa pesquisa e por isso pensamos mais especificamente sobre obras e autoras do presente.

Dessa forma, lemos resumos e sinopses de trabalhos de diferentes escritoras, até chegarmos em Noemi Jaffe e à obra produzida e organizada por ela. Assim, temos o intuito de contribuir com sua fortuna crítica, reconhecer as características da literatura contemporânea presente em sua escrita e ainda dar visibilidade à escrita de autoria feminina que por muito foi silenciada e apagada. Dessa forma, pensamos no que propõem as pesquisadoras Raquel Teixeira Otsuka, Taise Cristiane Rodrigues e Suely Leite (2013):

O papel da mulher como sujeito da escrita passou por um grande processo de apagamento. Poucas são as escritoras presentes nos cânones e nas historiografias literárias. Daí, a necessidade de retomar textos de autoria feminina para que esse apagamento deixe de existir e a escrita feminina passe a configurar nos meios em que a literatura circula de forma natural (OTSUKA; RODRIGUES; LEITE, 2013, p. 1).

A respeito dessas escritas feitas por mulheres, que representam um dos grupos de minorias na literatura, Regina Dalcastagnè (2012) postula que é importante que se permita ouvir as vozes dos mais diversos lugares de fala para que possamos compreender a diversidade, a cultura e a história, pois, geralmente, aqueles que monopolizam o lugar de fala só consideram as suas próprias percepções e ideais.

Ademais, o que também nos despertou interesse em estudá-la, foi, a princípio, a leitura do diário de uma sobrevivente do Holocausto, que nos possibilitaria conhecer e investigar a história de uma pessoa que sobreviveu a um evento cruel como esse, o que consideramos ser de extrema importância, visto

que, além de nos informar pelo viés de uma testemunha verdadeira as atrocidades praticadas por Hitler, daria-nos detalhes que confirmam, infelizmente, a veracidade do ocorrido. Dessa maneira, escolhemos ir ao encontro dessa literatura de testemunho escrita por três narradoras.

Escrito a três mãos, por três mulheres de uma mesma família, o livro de Jaffe apresenta-se como um texto híbrido composto pelo diário de Lili Jaffe, (a mãe), na primeira parte; a segunda e maior parte, escrita por Noemi (a filha) e a última, por Leda Cartum (neta de Lili e filha de Noemi). A partir da tradução do diário dessa sobrevivente de Auschwitz, por meio de escritos fragmentados marcados por uma inconstância em permanecer em apenas um único gênero textual, explorando os limites da linguagem e das palavras, tão conhecidos por essas duas últimas narradoras, o livro convida-nos para uma leitura que lança importantes reflexões não só sobre temas relacionados ao Holocausto, como também à nossa vida enquanto seres humanos individuais e coletivos, especialmente, em família e sobre o amor nutrido por ela.

Sabemos que no campo dos estudos literários, a expressão “literatura de testemunho” tem embasado os debates a respeito de narrativas que tratam de episódios vinculados a eventos traumáticos e que ela também está ausente em diversas historiografias literárias. Por isso, justificamos que é importante que se permita sair do silenciamento para que possamos compreender a diversidade, a cultura e a história. Nesse sentido, procuramos abrir diálogos produtivos com os conhecimentos dos campos histórico e cultural.

Segundo Valéria de Marco (2004), o texto literário moderno apresenta certos traços em torno da exploração estética das propostas de várias vanguardas marcadas em alguns procedimentos: a fragmentação, a exposição da prevalência da forma, a pluralidade de vozes, a justaposição de imagens ou pontos de vista, a ruptura com a ilusão realista, os ensaios de representação dos movimentos psíquicos, o amálgama de diferentes linguagens, entre outros.

Pensando no enredo de *O que os cegos estão sonhando?*, nos contextos nos quais a obra e as narradoras se inserem, diversas são as possibilidades de análise. Utilizamos o método hermenêutico que é mediador no processo de interpretação dos textos. A hermenêutica ultrapassa a interpretação e coloca-se como mediadora entre a linguagem e a correta compreensão pelos sujeitos dos

vários signos. Segundo Amaral Filho (2009), a hermenêutica é uma disciplina que versa sobre interpretação, assim tratamos de realizar uma pesquisa qualitativa.

Tomamos a hermenêutica como método que tem por finalidade a interpretação de textos, pautada nos sentidos que os diferentes sujeitos atribuem a eles. Desse modo, vemos com Amaral Filho (2009, p. 44) que “ler é aprender o significado das frases, compreendendo-as. Aprender o significado das frases compreendendo-as é interpretar. Interpretar é a atividade própria da hermenêutica”. Portanto, tem-se a possibilidade de não encarar um/o texto literário com apenas um sentido.

Dessa maneira, Sirlene Cristófano (2010) assevera que a hermenêutica é “uma forma de trazer às claras sentidos possíveis e torná-los conscientes, porque houve uma reflexão sobre eles” (CRISTÓFANO, 2010, p. 79). Ou seja, deixa-se àquele que lê, a possibilidade de imprimir um sentido a partir de suas experiências. Logo, Souza (2018) confirma que a hermenêutica “possibilita que o estudioso de uma obra literária entenda que a interpretação da obra, na verdade, é ato mediado pela própria consciência e que essa, por sua vez, é situada em um mundo que a constitui” (2018, p. 200). Em outras palavras, podemos dizer que o objetivo essencial da hermenêutica é “‘a interpretação’, que permanece aberta, que pode ser revista, ressignificada, repensada. Pois, de acordo com o tempo, o lugar e a realidade do intérprete, sempre surge ‘o novo’ na linguagem compreendida” (AUSANI; ALVES, 2019, p.12).

Para fundamentar o presente trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico acerca do objeto de estudo *O que os cegos estão sonhando?*, para isso, selecionamos artigos científicos, capítulos, livros, revistas e demais publicações que o abordam, bem como, os temas aqui destacados: escrita de autoria feminina contemporânea, memória, testemunho e resistência.

Em face do exposto, organizamos esta dissertação em três capítulos. O primeiro intitula-se “Literatura contemporânea: mulheres e escrita”, o segundo “*O que os cegos estão sonhando?: memória e testemunho na escrita de mulheres*” e por fim, “Narrativa de testemunho e resistência: Lili, Noemi e Leda, vozes que não se calam”.

No primeiro capítulo intitulado “Literatura contemporânea: mulheres e escrita”, buscamos apontar as características da escrita de autoria feminina

contemporânea, dar visibilidade a essa escrita que por muito foi silenciada e contribuir com a fortuna crítica da autora. Nesse sentido, destacamos a importância dos Estudos Culturais que possibilitaram pesquisas relacionadas a essas produções, bem como às dos demais grupos de minoria, como a do sobrevivente, que esteve por muito tempo à margem do cânone, demonstrando como essas noções aparecem no livro *O que os cegos estão sonhando?*.

Além disso, apresentaremos a autora, explicitaremos a escrita feita por três narradoras e a forma de construção do nosso objeto de estudo. Em prol desses nossos objetivos específicos, temos como fundamentação teórica os estudos sobre a literatura e autoria feminina de Lúcia Osana Zolin (2009; 2019), Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008), Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2009) e Regina Dalcastagnè (2012); ainda para discutir sobre o conceito de contemporâneo, valemo-nos das contribuições de Karl Erik Schøllhammer (2009).

O segundo capítulo "*O que os cegos estão sonhando?: memória e testemunho na escrita de mulheres*" tem por objetivo evidenciar como os registros das memórias de Lili feitos em seu diário, permitem-lhe (re) construir sua vida/história após ser mantida como prisioneira nos campos de concentração. Corroborando assim para a construção de uma memória coletiva, uma vez que, ela retrata também o vivido por muitas outras mulheres confinadas.

E ainda, objetiva-se mostrar como os escritos de Lili e o livro de Noemi Jaffe são lugares de memória e testemunho na literatura, que a partir das lembranças dessa sobrevivente, contribuem para que fatos verídicos do passado, não sejam esquecidos. Para abordar os conceitos sobre memória, serão nossos aportes: Maurice Halbwachs (2004) e Joel Candau (2018), para apresentar os estudos a respeito de testemunho, nossa base é Márcio Seligmann-Silva (2005); José Carlos da Costa e Lourdes Kaminski Alves (2010), Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos (2011) e Raysa Luana Silva (2014) subsidiarão a questão da literatura como lugar de memória.

Por fim, no terceiro capítulo, "Narrativa de testemunho e resistência: Lili, Noemi e Leda, vozes que não se calam", abordaremos as escritas de Lili, Noemi e Leda, respectivamente, como formas de testemunho e resistência contra o esquecimento das crueldades praticadas pelos nazistas. Demonstrando como as mulheres por meio de seus textos, saem do silenciamento imposto ao longo dos

anos e passam a manifestar seus posicionamentos. Assim, a História pode ser apresentada pelos vieses dos invisibilizados provocando reflexões para que os mesmos erros não sejam cometidos.

Nesse sentido, apontaremos para uma das principais características da literatura de testemunho que é ao mesmo tempo uma função social, a possibilidade de denunciar realidades hostis, no caso de Lili, revelar as barbáries sofridas em Auschwitz. Mostraremos como a imaginação de Lili auxilia no processo de libertação da memória do sofrimento, que contribui para diminuir a dor do trauma. E como objetivo principal, revelaremos de que maneira a literatura de testemunho passa para uma literatura de resistência. Para tratar das noções de testemunho nossa fundamentação é Giorgio Agamben (2008; 2009), Márcio Seligmann-Silva (2003; 2008) e Fábio Francisco Feltrin de Souza (2010). Com contribuições acerca da questão da resistência, fundamentamo-nos em Alfredo Bosi (1996; 1997; 2002) entre outros autores que versem sobre temas relacionados a esses.

## 1 LITERATURA CONTEMPORÂNEA: MULHERES E ESCRITA

*Abafaram nossa voz / Mas se esqueceram de que não  
estamos sós [...] // Essa vai / Pra todas as mulheres /  
Marianas, Índias, brancas / Negras, pardas, indianas /  
Essa vai pra você que sentiu aí no peito / O quanto é  
essencial ter no mínimo respeito / Essa dor é secular e  
em algum momento a de curar / Diga sim para o fim de  
uma era irracional, patriarcal [...] // Então eu canto pra  
que em todo canto / Encanto de ser livre, de falar /  
Possas chegar, não mais calar.*

(Mariana Nolasco)<sup>1</sup>

Iniciar uma reflexão sobre literatura contemporânea implica expor a dificuldade que há em definir o que é contemporâneo. Sobre isso Karl Erik Schollhammer (2009), grande nome da teoria e da crítica, partindo da concepção de Giorgio Agamben (2009), filósofo e estudioso da literatura, pontua que:

[...] a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir [...] (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

O romance contemporâneo *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe, é dividido em três partes, escritas por três mulheres que abordam um fato histórico real no presente. Narra a história da jovem sérvia Lili Jaffe, capturada em Szenta (sua cidade natal) na antiga Iugoslávia, e mantida prisioneira nos campos de concentração de Auschwitz até abril de 1945, quando foi libertada pela *Cruz Vermelha* e levada à Suécia, onde deu início ao seu diário sobre o terror vivido durante o Holocausto. A partir de fragmentos desse diário, em um tom bastante reflexivo, Noemi e sua filha Leda escrevem sobre serem filha e neta de uma sobrevivente da guerra.

Na prática contemporânea de literatura, muitas vezes, não há oposição entre realidade e ficção. Assim, identificamos que são as relações estabelecidas entre a obra e o momento histórico-cultural em crise no qual ela é gerada que

---

<sup>1</sup> Música *Pra todas as mulheres*, composição: Mariana Petroni Nolasco. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mariana-nolasco/pras-todas-as-mulheres/>. Acesso em 14 mar. 2021.

fazem dela uma obra contemporânea, uma vez que:

[...] o desafio contemporâneo consiste em dar respostas a um anacronismo ainda tributário de esperanças que lhe chegam tanto do passado perdido quanto do futuro utópico. Agir conforme essa condição demanda um questionamento da consciência histórica radicalmente diferente do que se apresentava para as gerações passadas como, por exemplo, o otimismo desenvolvimentista da década de 1950 ou o ceticismo pós-moderno da de 1980. O passado apenas se presentifica enquanto perdido, oferecendo como testemunho seus índices desconexos, matéria-prima de uma pulsão arquivista de recolhê-lo e reconstruí-lo literariamente [...] (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 12-13).

Noemi Jaffe, ao participar da mesa “Em nome da mãe” ao lado da escritora ruandesa Scholastique Mukasonga na *15ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)*, aproveitou a oportunidade para explicar o título *O que os cegos estão sonhando?*:

[...] um dia, enquanto escrevia o romance, recebeu uma ligação da mãe que, curiosa, perguntava: ‘Noemi, o que os cegos estão sonhando?’. A mãe de Noemi é sérvia e, apesar de viver no Brasil há décadas, ainda confunde algumas coisas no português, como o presente do indicativo (o que os cegos sonham) com o presente contínuo (o que os cegos estão sonhando). Naquele momento, Noemi descobriu o título do romance que estava escrevendo (JAFFE, 2017, n.p.).

Em entrevista concedida à revista *Época*, a autora se estendeu sobre o assunto, e ainda comentou sobre temas como a cegueira, sonhos e literatura. Quando questionada pela revista sobre o título de seu romance, se seria uma referência à cegueira diante da barbárie, e ainda se nós continuamos cegos, a autora respondeu:

Sim, nós continuamos cegos às mesmas coisas. Há muita violência. Um carroceiro foi morto pela Polícia Militar em Pinheiros [bairro da Zona Oeste de São Paulo] há duas semanas. Eu fui à manifestação organizada em protesto, mas havia muito pouca gente, apesar de tanta gente ter visto o que aconteceu, porque fui numa região muito central da cidade. Apesar de as pessoas ficarem muito chocadas com o que acontece, parece que estamos anestesiados, impotentes, inertes. Há uma frase do Modesto Carone [tradutor] sobre o [Franz] Kafka [escritor judeu, 1883-1924]: ‘Espantoso é que o espantoso não espanta mais’. Isso é um pouco de cegueira, quando a gente perde a capacidade de se espantar, fica com preguiça de se espantar ou sabe que o espanto não fará diferença nenhuma (JAFFE, 2017, n.p.).

Em *O que os cegos estão sonhando?*, Noemi retrata a realidade por meio da ficção, reflete sobre um momento histórico e aborda muitas outras questões como a fome, o frio, a memória, a reconstrução da identidade feminina, o lugar da mulher e a literatura escrita por mulheres. Além do testemunho romanceado, há um desabafo e o depoimento acusatório em relação às crueldades sofridas pela personagem principal (e real), mas apesar disso, Jeanne Marie Gagnebin (2012), na orelha desse livro de Jaffe, ressalta que, as autoras tentam tecer um agasalho “contra a brutalidade do real”.

Esse romance, assim como outras produções literárias contemporâneas, tem como características marcantes a fragmentação e a multiplicidade, que trazem para dentro das obras traços da realidade misturados com a ficção. O que demonstra uma instabilidade em permanecer em um único lugar, apontando, também, para uma crise sociocultural em que há uma necessidade de se mostrar a realidade, mas sem abandonar a fabulação. Isto é: “[...] o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente [...]” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10). Jaffe como uma mulher intelectual, evidencia-nos em sua escrita, a partir dessa posição, suas reflexões sobre a experiência triste vivida por sua mãe durante o Holocausto:

Qual é o sentido de saber esta história terrível? Talvez somente saber que não há sentido algum e que não há nada a aprender com isso. Não se pode, não se pode, não se pode sentir a mínima tentação de transformá-la em heroína por conta deste sofrimento atroz [...] (JAFFE, 2012, p. 113).

Noemi demonstra suas angústias e questiona a necessidade de expor as crueldades pelas quais sua mãe passou, pois no fundo seria mais fácil serem esquecidas. E é neste cenário de tensão que a produção literária dessas mulheres expressa testemunho e/ou reflexo da crise civilizacional iniciada no século XX e ainda em processo:

Nessa ordem de ideias, ‘a crise’, que vem sendo vivida pela mulher em nosso século, se identifica com uma *crise histórica*, gerada pela desorientação de homens e mulheres diante de uma avalanche de interrogações, postas pelos novos tempos, sem que se encontrem

respostas seguras e indiscutíveis para cada uma delas [...] (COELHO, 1991, p. 93).

Nessa conjuntura de questionamentos, a autora escreve inspirada por sua mãe Lili, que mesmo sem ter concluído os estudos e não tendo a escrita como um hábito, deixou suas memórias registradas em um diário para suas filhas, que ficou guardado como algo misterioso e um tesouro. Noemi, com a ajuda das irmãs e de uma amiga cineasta, conseguiu que sua mãe o traduzisse do sérvio para o português. Entretanto, depois de algumas tentativas fracassadas e de algumas reportagens rápidas feitas com Lili, ela passou a ser vista como a *Anne Frank brasileira* e desistiram temporariamente de publicar esses registros. Hoje, seu diário se encontra no Museu do Holocausto em Jerusalém. Apenas em 2012, Noemi Jaffe lança pela Editora 34 *O que os cegos estão sonhando?*, e é nele que o diário de sua mãe tem sua primeira publicação mundial.

Em *O que os cegos estão sonhando?* ficção e realidades são narradas juntas por três vozes, que indicam lugares de pertencimento e identidades diferentes. Ao longo da obra, encontramos essas perspectivas com relação às atrocidades cometidas durante a segunda guerra mundial:

Ser filho de sobrevivente contém, em algum lugar remoto e inóspito da memória, a tentação de ter estado no lugar do sobrevivente. Não permitir que ela visse tudo aquilo, viajar para o passado e conseguir paralisá-lo, matar o oficial que ordenou o castigo.[...] (JAFFE, 2012, p. 115).

A escritora Noemi Jaffe usufrui de seus conhecimentos acadêmicos e literários enquanto professora e Doutora em Literatura Brasileira para escrever a segunda parte do livro, em que emite seu posicionamento sobre o horror testemunhado por sua mãe:

O professor de literatura brasileira e compositor José Miguel Wisnik disse algo que resume a diferença entre sobreviventes e filhos de sobreviventes: não faça da tragédia um drama. Quem não passou pela tragédia seca, o corte rente, não faz dramas morais. A moral é outra. Quem não passou, só ouviu contar, quem está próximo e distante ao mesmo tempo, esse só consegue fazer drama. Quem tem inveja da tragédia faz drama (JAFFE, 2012, p. 137).

Jaffe vem de uma família de imigrantes judeus iugoslavos, nasceu e cresceu

no bairro judaico Bom Retiro, em São Paulo. Além de docente, ela é pesquisadora em Literatura Brasileira da USP (Universidade de São Paulo), crítica literária, colaboradora de jornais como *Folha de S. Paulo* e *Valor Econômico*, fundadora da oficina de escrita criativa *Escrevedeira* e colunista do blog da *Companhia das Letras*. Em 2009, ganhou um prêmio em dinheiro do *Programa Petrobrás Cultural*, com o projeto *Pegada - Duas Histórias*, e foi com essa verba que ela e sua filha Leda puderam viajar à Europa para coletar informações para escreverem o livro *O que os cegos estão sonhando?* publicado em 2012, finalista da oitava edição do *Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura*, em 2013.

Sua obra é bastante vasta, composta por poemas, contos, crônicas e romances. Ela aborda temas relacionados à linguagem, sobretudo, por ter um interesse muito grande pela etimologia das palavras. Inclusive, ela falou sobre essa questão durante uma entrevista dada ao programa *Encontros de interrogação* do projeto *Itaú Cultural* em 2012:

[...] O que marca minha literatura, acho que é um interesse muito grande pelas particularidades das palavras, pela origem das palavras, pela etimologia, então eu acabo criando como esse último livro que eu escrevi, *A verdadeira história do alfabeto*, acabo criando espécies de fábulas, a partir das origens das letras, das origens das palavras. Fico construindo narrativas a partir das palavras, isso é o que mais caracteriza a minha literatura, eu acho [...] a tentativa de ter uma relação íntima com a origem das palavras [...] (JAFFE, 2012).<sup>2</sup>

Entre os seus escritos, destaca-se *A verdadeira história do alfabeto* (Companhia das Letras, 2012), vencedor do prêmio *Brasília de Literatura* de 2014; *Todas as coisas pequenas* (Hedra, 2005), *Quando nada está acontecendo* (Martins Fontes, 2011); *Írisz: as orquídeas* (Companhia das Letras, 2015); *O livro dos começos* (Cosac Naify, 2016); *Não está mais aqui quem falou* (Companhia das Letras, 2017); *O que ela sussurra* (Companhia das Letras, 2020), um dos finalista do *Prêmio Jabuti 2021*; e *Lili: Novela de um luto* (Companhia das Letras, 2021).

O diário de Lili Jaffe, mãe de Noemi foi depositado no Museu do Holocausto, em Jerusalém e ao longo do livro não surgem dúvidas quanto à fidelidade estrita ao texto original. A parte escrita por Noemi Jaffe é composta por 36

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=th6N7J0GZVU>. Acesso em: 03 abr. 2020.

pequenos capítulos intitulados com uma única palavra, geralmente substantivos secos e diretos, como “Pedra”, “Amor”, “Memória”... lembrando verbetes de uma enciclopédia. A exceção fica com o último capítulo, no qual essa escolha é quebrada por um título que segue lógica oposta, marcada pelo tamanho dilatado e a densidade poética: “O esquecimento é a única vingança e o único perdão”.

De um modo geral, predomina no texto uma verve ensaística, mas que se combina reiteradamente com passagens narrativas, incursões líricas, fluxo de consciência. A primeira parte do livro *O que os cegos estão sonhando?* é composta pelo diário escrito por Lili Jaffe um tempo depois de ser resgatada pela Cruz Vermelha em Campos de contração de Auschwitz, em que apresenta suas memórias de sobrevivente do Holocausto:

Depus o tijolo e tentei levantar. Aquele lugar duro em que fiquei ajoelhada me machucou tanto os joelhos que caí. Ouvi novamente a voz do alemão. Quis levantar, mas não consegui. Fiquei sentada uns dez minutos. Depois voltei para a cozinha, onde desmaiei [...] (JAFFE, 2012, p. 25).

Essa jovem judia de dezoito anos, com uma evidente maturidade e enorme força de vontade, sobreviveu ao Holocausto, e enquanto aguardava em quarentena na Suécia, escreveu suas memórias sobre o que havia acabado de testemunhar. Sua filha Noemi menciona sobre isso:

Ela nunca se interessou em escrever. Acha que escreve mal. Mas, assim que chegou na Suécia e ficou em quarentena, conseguiu um caderno, escreveu nele ‘Meu diário’ e começou a narrar as memórias recentes. Pode ser que ela não tivesse muito o que fazer e, certamente, as lembranças eram tão fortes que ela sentia necessidade de narrá-las. Mas é uma necessidade que ela nunca tinha tido e nunca teve depois (JAFFE, 2012, p. 191).

A sorte foi um dos fatores que consideramos que Lili teve a seu favor para ajudá-la a sobreviver. Em Auschwitz, por intermédio de suas primas, ela conseguiu uma vaga na cozinha para ajudar no preparo da “alimentação” das demais prisioneiras.

Após ser resgatada pela Cruz Vermelha, não demorou muito tempo, sentiu-se novamente como ser humano e mulher, apaixonou-se e casou-se com Aron

Jaffe, com quem formou uma família e veio para o Brasil. Aqui, trabalhou como costureira com sua sogra e ajudou seu marido a prover as despesas do lar. Teve filhas e isso foi o que lhe deu forças para superar a enorme dor de quem viu a morte bem de perto por inúmeras vezes nos campos de concentração e reconstruir sua vida.

Padborg, 10 de maio  
Atravessamos a fronteira alemã. Estamos na Dinamarca. O alemão saltou do trem e grita:  
Hitler morreu! O trabalho está concluído.  
Enfermeiras dinamarquesas, com uniformes brancos da Cruz vermelha, vêm nos retirar dos vagões. Oferecem doces. Nem olhamos mais para esses pães negros e secos. Atiram-nos flores e nos levam de carro, cinquenta por vez. Chegamos a uma propriedade rural. Discursaram para nós. Ganhamos excelentes cobertores ingleses [...] (JAFFE, 2012, p. 41).

Leda, filha de Noemi e neta de Lili, que é formada em Letras, escritora, roteirista e tradutora, elabora a terceira parte do livro, na qual reflete sobre o que com ela fora partilhado durante a vida da avó junto com a família aqui no Brasil:

O que procuro na investigação da história do judaísmo e da guerra, ou na minha imaginação, muitas vezes surge em outros pontos, sempre inesperados, detalhes mínimos e que trazem à tona o começo de uma história [...] fios soltos de uma trama que de longe parecia até uniforme [...] (JAFFE, 2012, p. 236-237).

Nessa parte do romance, Leda, como neta de uma sobrevivente, emite suas emoções a respeito do diário de sua avó, da convivência em família e sua experiência em conhecer os locais em que várias pessoas perderam suas vidas.

Ser neta de sobreviventes é ter uma relação indireta com este sofrimento que possibilitou a minha existência. Porque há entre mim e o sofrimento um intermédio, alguém que já desbravou o matagal sórdido do trauma: nasci numa clareira, o terreno limpo e pronto, bem cuidado, porque meus pais se encarregaram de tirar as ervas daninhas [...] (JAFFE, 2012, p. 234).

O afeto da neta é evidente nesse fragmento e demonstra sua consciência a respeito aos que a sucederam sobretudo por ter como avós dois sobreviventes do Holocausto.

A filha de Noemi publicou livros como: *As horas do dia: Pequeno dicionário calendário* (7 letras, 2012), no qual apresenta um misto de poesia, prosa e reflexão; *Bruno Schulz conduz um cavalo* (Relicário, 2018), conto ganhador do prêmio *Off-Flip 2014*; *O porto* (Tapera, 2016), uma narrativa fragmentária sobre alguém que atravessa o tempo na tentativa de descobrir quanto é que dura o passado.

Esses lugares de onde cada uma fala, isto é, onde estão inseridas, expressam-se expondo seus posicionamentos que demonstram com isso uma resistência. Nesse sentido, o crítico Terry Eagleton (2005 *apud* LEAL, 2008) sublinha que, o discurso feminista não se separa de sua prática política:

[...] para o feminismo enquanto projeto de emancipação política – ‘os modos de sentir e formas de representação são, a longo prazo, quase tão cruciais quanto a provisão de creches e o atendimento infantil, ou pagamentos iguais para os sexos’. Para ele, o movimento trouxe uma forma diferente das políticas tradicionais de classe. A diferença para pensadoras feministas estaria na palavra ‘quase’ utilizada pelo crítico. Para boa parte da teoria feminista, o local de fala, a capacidade de alterar modos de representação e de significação fazem parte da mesma luta pela emancipação, assim como melhorias infraestruturais, citadas por Eagleton. Essa seria fundamentalmente a diferença entre participar de um movimento de mulheres e ser feminista [...] (EAGLETON, 2005, p. 76 *apud* LEAL, 2008, p. 123).

Nesse contexto, a literatura feita por mulheres deixa de ser vista como uma escrita com uma especificidade característica do feminino, que a diferencia de outros grupos hegemônicos. Ou seja, inicia-se um processo de desconstruir a oposição homem/mulher, bem como, as demais oposições relacionadas ao que Lúcia Osana Zolin (2009, p. 182), pesquisadora de literatura de autoria feminina brasileira, define como “uma espécie de versão do pós-estruturalismo”. Assim, vemos a transformação dos discursos de que as mulheres ocupam lugares secundários em relação aos ocupados pelos homens. O que, conseqüentemente, interfere no cotidiano feminino e influencia críticos e teóricos de literatura.

Há muito tempo as mulheres são vistas como “contribuição” para a história literária, vê-se com isso a exclusão delas enquanto autoras no cânone brasileiro, ou seja:

[...] elas ‘colaboram’, ‘entram como exceção que confirma a regra’ na verdadeira história literária, na tradição literária brasileira, que

representaria, talvez, a 'antiga' literatura brasileira, que não incorporaria as identidades minoritárias, como as mulheres [...] (LEAL, 2008, p. 65).

Dessa forma, percebe-se que a escrita de autoria feminina vem marcando presença no contexto da literatura, como ressalta a pesquisadora Virgínia Maria Vasconcelos Leal:

A autoria feminina e o acesso das mulheres à leitura foram marcados por condições históricas determinadas. Destaca-se o trabalho de precursoras no mundo das letras. A imprensa, em um momento de pequena diferenciação entre os campos literário e jornalístico, foi um dos principais cenários desse processo de consolidação da presença das mulheres na literatura (LEAL, 2008, p. 59).

A inserção das mulheres no âmbito da produção literária brasileira teve início em meados do século XIX. Entretanto, como nos mostra a pesquisadora Débora Cristina Esser, apenas no século XX é que a literatura de autoria feminina ganhou consistência quando:

Muitas mulheres, ao assumirem seus papéis enquanto escritoras, desenvolveram uma íntima e particular relação com a linguagem, demonstrando postura dinâmica em relação às mudanças, rompendo com parâmetros e estereótipos que não significam na sua cultura. Assim, a narrativa de autoria feminina desestabiliza os velhos discursos que não se constituem em novas imagens e não reforçam as mudanças da vida cotidiana. Isso faz com que, indiretamente, as narrativas tradicionais sejam atingidas por novas práticas de criação literária, não somente utilizada por mulheres, mas evidenciadas na maioria de suas narrativas (ESSER, 2014, n.p).

Segundo Leal (2008), ser escritora no Brasil hoje, implica “confrontar-se tanto com a história da inserção das mulheres no campo literário quanto dialogar com temáticas feministas. E, assim, criar uma representação de gênero [...] (LEAL, 2008, p.7)”. Nesse sentido, ao trazer para discussão a inserção das mulheres no campo literário brasileiro, não se pode perder de vista que:

[...] é preciso resgatar os movimentos feministas como forças atuantes e, assim, chegar ao desenvolvimento de sua vertente de crítica literária. [...] é impossível dizer que existe um feminismo, ou mesmo um movimento de mulheres [...]. É fundamental frisar que a própria (in) definição do termo constitui a sua história, a sua peculiaridade e a sua força. Múltiplo e plural, as suas facetas traduzem os diversos caminhos trilhados a fim de denunciar a hierarquização entre o masculino e o

feminino e pensar formas de emancipação feminina (LEAL, 2008, p.116-117).

Ao refletir sobre as produções de mulheres ao longo do tempo, Zolin (2019) mostra o que Elódia Xavier (1986) fez anteriormente, em uma adaptação do texto de Elaine Showalter, no qual define a fase fêmea, ao apontar características recorrentes nas escritas das autoras de língua inglesa. No Brasil, Zolin resgata as pesquisas dessas duas autoras e defende que ao olhar para a literatura de autoria feminina no Brasil de modo coletivo, é possível identificar também alguns traços que se repetem:

[...] protagonistas mulheres, cujas trajetórias são permeadas por crises existenciais desencadeadas pela não-adequação aos valores apregoados pela ideologia dominante. [...] colocam em cena personagens femininas cujo desfecho de seus conflitos, apontam para uma saída em que as relações de gênero não são mais centrais [...] (ZOLIN, 2009, p. 326).

Diante do exposto por Zolin (2009), observamos que tais características mencionadas na citação acima podem ser resumidas em uma: mulheres em busca de novas subjetividades além das relações de gênero. Assim, notamos a presença de um movimento que visa reivindicações no sentido de desconstruir imagens femininas antes concebidas na literatura. Dessa forma, sugere-se um percurso composto por três fases: uma fase feminina, repetindo os valores e padrões vigentes na tradição patriarcal; a fase feminista, rompendo com esses valores e defendendo os direitos das minorias e a fase fêmea, período de autodescoberta e busca de identidades próprias.

A maioria dos textos produzidos atualmente possuem características dessa terceira fase, “numa atitude de desconstrução da família patriarcal e, conseqüentemente, de construção de uma identidade desvinculada dos arquétipos do patriarcalismo [...]” e “busca de sua identidade, ao encontro consigo mesma, livre de amarras, de imposições e de conflitos interiores” (ZOLIN, 2009, p. 326). Todavia, em uma mesma escritora podemos encontrar vestígios das três fases.

Zolin (2009) também afirma que a produção recente é feita a partir de uma perspectiva social atrelada à de experiência vivida, e assim, representa mulheres

inspiradas em figuras reais que “desmentem estereótipos femininos, construídos ao longo da hegemonia patriarcal [...]” (ZOLIN, 2009, p.328). Percebemos que, nessa nova fase de escritas, fica evidenciado o rompimento com a ideologia do patriarcado, ou seja, tem-se a quebra dos padrões que colocavam a mulher reduzida ao que o espaço privado lhe proporcionava. Isto é, a mulher deixa de ser representada por sua beleza física e pelos papéis de dona de casa e mãe de família perfeita, para dar lugar à sua autodescoberta e à busca pela identidade, demonstrando com isso “[...] a retirada da obscuridade e do silenciamento, provendo-lhe a subjetivação” (ZOLIN, 2009 p. 329).

Assim é que a obra de Jaffe vai ao encontro do que propõe essa pesquisadora, pois nela temos a autoria feminina trazendo três mulheres personagens e narradoras, abordando temas tão sérios e necessários de serem discutidos que são o nazismo e a guerra. Dessa forma, contradizem as imposições que lhes são atribuídas.

Desse modo, o panorama da literatura de autoria feminina no Brasil, assim como ao redor do mundo, é marcado pela gradativa e crescente mudança, resultado de muita luta e resistência, sobretudo pelos difíceis processos de críticas negativas, apagamento e discriminação. Ou seja, os reflexos do desenvolvimento tecnológico e os impactos industriais e políticos permitiram que o país apresentasse mudanças em todas as áreas, inclusive no campo da arte e da literatura, conseguindo atingir uma emancipação, especialmente, na escrita. É quando também, emerge espaço para a literatura feminina, que antes era vista com olhos críticos e discriminatórios, o que fazia que essa escrita fosse silenciada e, conseqüentemente, obrigava as mulheres escritoras a optarem por pseudônimos masculinos para poderem ter os seus textos lidos pelo público:

Nesse sentido, tem fundamental importância o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, relegada ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face das chamadas ‘altas literaturas’ de autoria masculina. No Brasil, o resultado desse trabalho, aponta para a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX, que, apesar de suas qualidades estéticas, jamais foram citadas pela crítica (ZOLIN, 2019, p. 320).

Assim, a identificação do feminino na ficção é afirmada pela insatisfação das

mulheres com seus papéis relacionados à vida privada, por isso passam a buscar outras posições além dos de filha, esposa e mãe, para conquistar e ocupar os lugares da esfera pública e profissional, entrando para as universidades. Desse modo, elas lutam pela liberdade de escolha, preocupam-se menos com os homens e se envolvem na construção de si mesmas. Em outras palavras, expressam seus desejos de lutarem por suas realizações pessoais e profissionais:

Durante séculos fomos habituados a associar a figura feminina como metáfora de fragilidade e de necessidade de amparo masculino. Novas ideologias, surgidas das necessidades sociais e culturais, fundamentam o feminino sob a nova perspectiva: a renovação de valores e a clara redefinição dos espaços que as mulheres passaram a implementar (APPEL, 2010, p. 54).

Houve uma ruptura com a ideia de que as mulheres pudessem escrever apenas sobre temas definidos como pertencentes especificamente a elas, por exemplo, amor e família. Nesse sentido, o sexo feminino era visto em oposição à uma fragilidade que lhe foi atribuída em relação ao homem. Ou seja, convencionalmente, determinaram atribuições e papéis ao gênero feminino, que colocou a mulher como marginal e submissa. E essa mulher-sujeito, “marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição, vai de encontro com a antiga mulher-objeto, a que definia-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (ZOLIN, 2009, p. 183).

Nessa perspectiva, vemos um deslocamento da literatura feita por mulheres, que apresenta figuras femininas representando a quebra de padrões patriarcais, isto é, “a escrita de autoria feminina busca, por meio dos personagens, estabelecer representações que questionam e contestam as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade” (TEIXEIRA, 2009, p. 89). Sendo assim, notamos a importância de dar voz às minorias para que possam se autorrepresentar. Noemi Jaffe dá voz à sua mãe, sobrevivente de Auschwitz que representa outras mulheres reais silenciadas pela morte em um genocídio histórico: “agrupamo-nos em turmas de cinquenta. É quase meio-dia. Aguardamos a morte por fuzilamento [...]” (JAFFE, 2012, p. 38).

Regina Dalcastagnè postula que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles” (DALCASTAGNE, 2012, p.1). Ou seja, o seu silêncio não é uma escolha livre, mas

sim a sua única alternativa. Os grupos marginalizados vivenciam uma realidade dura, na qual adquirem uma identidade coletiva e lutam contra a visão negativa que a cultura dominante tem deles. Evidenciamos com isso, a condição de excluídos e silenciados ocupada pelos grupos de minorias na literatura brasileira, em nosso caso, especificamente a escrita de mulheres:

[...] as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e, conseqüentemente, no literário, o final do século XX assistiu a uma considerável reviravolta nesses domínios: o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto legítimo de pesquisa (ZOLIN, 2009, p. 327).

### **1.1 Estudos Culturais e Literatura: diálogos possíveis**

Nessa direção, a literatura oferece possibilidade para que as pessoas que estão à margem do centro de poder expressem e manifestem suas vivências. Tendo isso em vista, importante se faz ressaltar que é graças aos estudos culturais que os olhares passaram a ser voltados aos escritos de autoria feminina, assim como para as demais minorias. As produções desses grupos marginalizados puderam ter sua inserção no mundo acadêmico e tornaram-se legítimos objetos de pesquisa. *O que os cegos estão sonhando?* se relaciona com essa área de estudos na medida em que é um livro escrito por uma mulher, representante de um dos grupos excluídos. Além disso, na primeira parte, traz um diário, que é um gênero desconsiderado pelo cânone. Embora esteja catalogado como romance, apresenta um texto híbrido, diferente do tradicional, e é escrito por três narradoras.

Antes da incorporação dos Estudos Culturais ao âmbito universitário, a crítica determinava que só os cânones eram “dignos” de serem lidos e estudados. Dessa maneira, excluía tudo o que não se encaixava nas suas regras e normas, como é possível constatar no fragmento a seguir:

Nossa literatura é herdeira da tradição estética europeia, que defende a criação literária como um dom essencialmente masculino, uma criação androcêntrica. Ao assumir um caráter universalizante, a literatura neutraliza a representação da experiência feminina e subtrai sua importância, por esta não privilegiar as chamadas verdades universais humanas, ou seja, o ponto de vista masculino (TEIXEIRA, 2009, p. 91-92).

Com os Estudos Culturais, iniciou-se um período de investigação que lançou um novo olhar para a história que se voltou, principalmente, para a periferia, isto é, passou-se a considerar a cultura popular. Apesar de o surgimento dos Estudos Culturais ter origem incerta, comumente, considera-se que ele se deu por volta de 1964 no Centro Universitário de Birmingham na Inglaterra, com Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Palmer Thompson, e mais tarde juntou-se a esses, Stuart Hall.

Os Estudos Culturais apresentam-se, desde a sua génese, menos como uma disciplina e mais como um 'campo gravitacional' para intelectuais de diferentes origens (Bennett, 1992). Entre as diversas formações dos investigadores que trabalham nesta área, destacam-se aqueles que são oriundos dos Estudos Literários, Linguística, Sociologia História, Antropologia, Comunicação, Geografia, Estudos Fílmicos, Psicologia, Educação e Filosofia; menos presentes, mas por vezes participantes empenhados no desenvolvimento de projectos de investigação em Estudos Culturais encontram-se economistas juristas e peritos em relações internacionais (BAPTISTA, 2009, p. 455-456).

À vista disso, os Estudos Culturais vão ao encontro de grupos de minorias como o de mulheres, que passam a abordar em suas escritas essa multiplicidade que habitam seus "eus" poéticos, e suas identidades construídas de forma fragmentadas, são inacabadas, elas são instáveis, sendo experimentadas mais como uma busca do que um fato ou um fechamento. Sobre isso Hall (2006) considera que:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é, preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-39).

Partindo do pressuposto de que "Os estudos culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que olham a produção de conhecimento teórico como uma prática política" (BARKER, 2008, p. 27 *apud* BAPTISTA, 2009, p. 453), a obra *O que os cegos estão sonhando?* apresenta-se como exemplo dessas proposições, uma vez que sabemos que nenhum discurso é neutro, ou seja, que nossos discursos são perpassados por vários outros discursos. Dessa forma, as narradoras Noemi e Leda se valem deste lugar privilegiado de pessoas

letradas que possuem voz e propriedade na escrita para apresentarem suas perspectivas familiares de pessoas que conviveram com uma sobrevivente de uma guerra. Do mesmo modo, podemos observar na passagem que segue que é na literatura que essas vozes encontram vez e espaço para se manifestarem:

[...] a literatura tem se revelado o veículo por excelência para captar sensações e fornecer imagens da sociedade, por vezes não admitidas por esta ou que não são perceptíveis nas tradicionais fontes documentais utilizadas pelo historiador. As representações literárias registram, em suas particularidades formais, em seus modos e estilos, os símbolos da pluralidade, os sinais que diferenciam mundos histórico-sociais diferentes. Como imagens, essas representações literárias revelam uma relação de contiguidade com a realidade [...] (TEIXEIRA, 2009, p. 83).

## 2 O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?: MEMÓRIA E TESTEMUNHO NA ESCRITA DE MULHERES

*Quando os homens forem capazes de percorrer todos os registros da memória e ordená-los, deixarão de falar de falsas memórias, embora seja bem possível que então se defendam dessa capacidade memorizante total, cultivando falsos esquecimentos.*

(José Saramago, 2007, n.p.)<sup>3</sup>

No livro *O que os cegos estão sonhando?*, a partir da memória coletiva, empreende-se uma seleção e uma ressignificação de elementos da história de uma comunidade, nesse caso, mais especificamente a da família Jaffe e a do coletivo de mulheres vítimas do Holocausto representadas por Lili Jaffe, que relata em seu diário fatos e eventos vividos por ela e por diversas pessoas nos campos de concentração: “viajamos durante seis dias. Sem água, sem comida. Papai tem febre o tempo todo. Mas se faz de forte. Mamãe nos consola, abraça-nos. Minha velha mãe chora. Doem-lhe as costas. Nem consegue ficar sentada mais” (JAFFE, 2012, p. 17).

De acordo com Maurice Halbwachs (2004), ao pensar na história e na memória social, não se pode perder de vista que a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo ou de uma comunidade. Dito de outro modo, essa memória social está relacionada com algo que foi sentido, vivido e ou experimentado pelas pessoas individualmente. Nesse sentido, o sociólogo afirma que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência, que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 2004, p. 58):

*Fomos levadas ao campo F e tivemos de ficar numa fila, para a revista, até às doze e trinta. Até agora, foi a coisa mais terrível que nos aconteceu. Todas chorávamos. Não sabíamos o que fariam conosco. Estávamos diante do crematório [...]. Depois do meio-dia entramos num pavilhão onde seríamos selecionadas nuas. (JAFFE, 2012, p. 28).*

A memória individual é construída a partir das referências e lembranças que

---

<sup>3</sup> SARAMAGO, José. Viagem a Portugal. Edição Kindle. 2007.

cada sujeito tem de como e de onde ele enxerga o mundo e as coisas. Isto é, de dentro do grupo ou comunidade que viveu ou participou, ele dá diferentes significações ou ressignificações para as coisas. Isso é visível no relato de Lili, ao narrar sua experiência como vítima do Holocausto:

Ficar em pé das três às seis era horrível. Quando percebíamos que não havia nenhum alemão por perto, abraçávamo-nos para não sentir tanto frio. O pior mesmo era antes do amanhecer, quando fazia mais frio. Mal podíamos esperar aquela água negra e quente - café aquilo não era [...] (JAFFE, 2012, p.18).

Dessa forma, percebemos que não existe uma memória totalmente individual, dado que a memória individual se efetiva sobre um ponto de vista da memória coletiva, pois as lembranças por meio das vivências e das relações nos meios sociais, tendem a ser reconstruídas e idealizadas, e assim também repassadas a partir daquilo que querem que seja lembrado. E ao repassarem essas lembranças pela oralidade, muitos fatos, informações e experiências de determinados grupos são preservados ou caem no esquecimento, visto que cada um seleciona o que quer repassar, acabando assim por idealizar um acontecimento como um feito heroico, por exemplo. Isso tudo, conseqüentemente, corrobora para o esquecimento daquilo que desejam apagar de suas memórias.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. [...] Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontarmos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 2004, p. 29).

A memória é seletiva e vai sempre se relacionar com um lugar no espaço que pertence também às lembranças de outras pessoas, estando ligada assim a recordações individuais. Desse modo, o repositório de memórias de uma comunidade, as lembranças coletivas guardadas e repassadas, chamadas pelo

historiador francês Pierre Nora (1993) de lugares de memórias: material, funcional/simbólica e oficial, se expressa ancorado nesses espaços de recordação. O que significa que quando não há essas seções/divisões de lembrança, há o esquecimento. Portanto, o diário de Lili, bem como, o livro de Jaffe representam esse conceito sugerido pelo historiador francês, proposto como “uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pele morta” (NORA, 1993, p. 15). Assim, os registros de Lili ajudam-na recordar e não deixar que suas memórias caiam no esquecimento:

*Auschwitz, 4 de julho de 1944*

Ontem chegamos no campo C. Como já não escrevo faz um mês, escreverei sobre o passado. No começo, eu passava fome e sofria muito frio. Nosso pavilhão era defeituoso, como todos os outros. Quando chovia, ficávamos molhados como se estivéssemos fora, debaixo da chuva. As camas - se posso chamá-las assim, pois eram apenas estruturas de madeiras -, umas sobre as outras, de três andares, onde dormíamos doze [...] (JAFFE, 2012, p.18-19).

Constatamos que a memória individual se ancora na percepção e na criação do passado a partir de outros, materializada pela linguagem, que é uma construção social, tornando-se patrimônio de uma comunidade ou nação. Tendo isso em vista, vale dizer que, em cada momento que nós nos lembramos do passado, nós ressignificamos as lembranças no momento atual, e assim atualizamos esse passado.

A memória apoia-se sobre o ‘passado vivido’, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o ‘passado apreendido’ pela história escrita (HALBWACHS, 2004, p. 75)

Nesse mesmo sentido, Candau (2011) assevera que “é por meio da retrospectão que o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2011, p. 15). Dessa forma, acontece o processo de rememoração de Lili, ao escrever em seu diário o que acabara de passar antes de ser resgatada e levada à Suécia, ela recorre às suas memórias para encontrar a

si mesma, reorganizar seus pensamentos e recordações para tentar diminuir a dor de tudo o que suportou. Sendo assim, “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas” (CANDAU, 2011, p. 24):

*6 de abril*

Todos os que não morreram estão dentro do vagão, e não estão bem conscientes. Eu também pareço embriagada; não enxergo; parece que tenho espuma na boca. Ao meio-dia chegaram os caminhões com o pão. As alemãs mesmo estão cortando e distribuindo o pão. Cada um de nós recebe meio pão com margarina. Trouxeram pão da Suécia. Novamente temos um pouco de forças. Comemos pouco, porque guardamos também para as outras mulheres. De noite, viajamos para mais longe (JAFFE, 2012, p. 39).

A respeito do conceito de memória, Candau (2011) não comunga totalmente das ideias de Halbwachs, ele observa que “[...] a existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado” (CANDAU, 2011, p.35). Mesmo existindo lembranças compartilhadas em um grupo, cada indivíduo evoca e seleciona essa memória de forma distinta, “levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências” (CANDAU, 2011, p. 36).

Candau (2011) justifica que “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças” e argumenta que “não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação” (CANDAU, 2011, p.47-48). Em vista disso, as memórias individuais e coletivas se relacionam desde que as primeiras possuam os mesmos propósitos que as segundas, entretanto, pode haver divergências:

Ao final, a memória coletiva segue as leis das memórias individuais que, permanentemente, mais ou menos influenciada pelos marcos de pensamento e experiência da sociedade global, se reúnem e se dividem, se encontram e se perdem, se separam e se confundem, se

aproximam e se distanciam, múltiplas combinações que formam, assim, configurações memoriais mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas (CANDAU, 2011, p. 49).

É de modo oscilante que se apresentam as memórias de Lili e Noemi sobre os fatos e acontecimentos vivenciados durante o Holocausto e a vida delas em família, isto é, suas memórias não são inteiramente individuais, tudo o que elas retêm do passado tem relação com os grupos de prisioneiras de Auschwitz, seus familiares e os espaços onde conviveram:

Há muitas coisas na sua história que são impossíveis de compreender, quando pensadas separada e detalhadamente. Então os alemães permitiram, depois da desinfecção, que as prisioneiras vestissem uma roupa qualquer? Não foram todos imediatamente se vestir com o uniforme de prisioneiros? Pode ser que ela o tenha usado apenas por um dia; pode ser que tenha sido obrigada a fazer um uniforme a partir de vestidos usados e pode ser que esta história tenha acontecido em outra situação. Nada disso tem a menor importância. É maravilhoso que ela o tenha encontrado, que ele seja azul e xadrez e até mesmo que ela não o sabia rememorar exatamente esta, como tantas outras histórias (JAFFE, 2012, p. 99).

Ainda que essas memórias individuais possam confirmar a imagem que conhecemos dos eventos ocorridos nos campos de concentração, o fato de Lili fazer parte de um dos grupos de mulheres presas em Auschwitz, corrobora para a construção dessa memória coletiva a partir de sua memória individual que ressoa dos acontecimentos ali vivenciados por ela.

Halbwachs (2004) assevera que é preciso separar duas memórias: interna/pessoal e externa/social, respectivamente, memória autobiográfica e histórica. A primeira é formada pelas lembranças ligadas à personalidade, à vida pessoal; e a segunda é constituída por meio da participação do indivíduo como integrante do grupo. Elas são interdependentes:

Uma memória autobiográfica e uma memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 2004, p. 59).

De acordo com essas perspectivas, a memória coletiva é pautada nas experiências individuais, logo, ela é conservada por certos grupos culturais e composta pelas lembranças de seus diferentes integrantes. E essas memórias muitas vezes são registradas em objetos culturais, tais como a literatura, que permite não deixar que elas caiam no esquecimento, como no caso do livro em análise, que ao abordar as vivências de uma sobrevivente do Holocausto colabora para a conscientização dos leitores sobre temas como esse.

## **2.1 Literatura: lugar de memória**

Pensar na literatura enquanto lugar de memória aponta para os modos de organização da memória que revelam a relação inseparável entre o passado e o presente que permitem criar novos sentidos e imagens. Olhar o passado é construir o presente por meio de um exercício de resgate e imaginação resultante do jogo entre lembrança e esquecimento. Não obstante, convém ressaltar, que nos limites existentes nesse movimento de tentativa de preservar o vivido, há possibilidade de desfazer e refazer o passado.

A memória por sua vez estaria não só próxima ao movimento construtivo, à preservação, mas também ao engano, à incerteza e ao esquecimento; não aponta para o passado, mas orquestra os resquícios do pretérito e as projeções para o futuro (RAMOS, 2011, p. 93).

A respeito disso, desde a Antiguidade, pelo mito de Mnemosine, por exemplo, é permitido refletir sobre a memória personificada nessa deusa responsável pela poesia, que elabora a ligação entre a fabulação e o conhecimento, ou seja, a memória é vista pelos gregos como uma musa que concede ao poeta a capacidade da lembrança e do esquecimento:

A memória, incorporada classicamente na figura de Mnemosine, tal como a teia de Penélope, escreve e rasura, conserva e destrói, reelaborando o passado, ressignificando o presente e abrindo brechas para o futuro. E se o fator surpresa é o que prepondera no porvir, existe na tessitura da memória espaço para a fantasia e a ficção (RAMOS, 2011, p. 93).

Tendo em vista que as relações entre memória e escrita reportam-se aos

precursores da filosofia também com as metáforas de Platão, uma espécie de bloco de cera na alma e memória-aviário de Aristóteles, e levando em consideração que a memória possui caráter transitório, que condiciona os sujeitos a criar memórias artificiais, registrando-as em distintos suportes, a literatura vai ao encontro dessa necessidade de conservar memórias.

Os textos literários são vistos também como suportes produtores de memórias, uma vez que a memória é considerada matéria comum à história e à literatura que permite recuperar o passado e (re) construí-lo no presente. Isso traz à tona discussões sobre os limites entre lembrança e esquecimento, realidade e ficção como mostra Ramos (2011):

O tempo interno móvel e a mescla dos enunciados permitem ao discurso literário uma maior autonomia em relação ao histórico. Como suporte produtor de memórias, à literatura é permitido adivinhar os silêncios, os desvios e as lacunas, propositais ou não, da escrita historiográfica. Por apostar no dilema e no paradoxo, o discurso literário abdica da totalidade. Por isso, falhas e rasuras não podem ser vistas como “erros”, mas como instrumentos sem os quais o discurso literário não se construiria em sua ambiguidade e polissemia (RAMOS, 2011, p. 96).

As lacunas encontradas em textos de sobreviventes de guerra reportam para os silenciamentos causados pelos traumas sofridos que contribuem para que esses escolham silenciar ou não sobre algum aspecto. Ou seja, às vezes, são propositais, e em outros casos, tratam-se realmente de um esquecimento, como ilustra José Saramago na epígrafe desse capítulo.

Esta relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembrança e esquecimento presente em todo o imaginário e melhor compreendida através de uma concepção da memória coletiva como um corpus [...] no qual se inscrevem imagens elaboradas e compartilhadas por determinados grupos sociais, e que abarcam o virtual e o real, o vivido e o sonhado, o desejado e o temido, o pesadelo e o sonho, a experiência e a imaginação. A literatura semeia no imaginário coletivo novas visões e ideias, oriundas também do sonho e da fantasias, veículos legitimados do ficcional, inaugurando formas alternativas de encarar e transformar a realidade do grupo social (RAMOS, 2011, p. 96-97).

Assim, evidenciamos o papel da literatura que permite representar a realidade dando voz aos impossibilitados de falar e/ou excluídos. Nessa direção,

destacamos uma das características do discurso literário, que é a mescla entre realidade e ficção. Nesse sentido, Ramos (2011) postula que:

[...] como potência de leitura do mundo, a escritura ficcional pode dar voz aos silenciados, aos vencidos e aos esquecidos pelo discurso hegemônico [...] pode trazer à tona não só leituras compartilhadas do real [...] como fazer emergir o imaginável, o possível e o impossível da 'realidade', pois por ser inconcebível em sua totalidade, a dúvida e a certeza a habitam (RAMOS, 2011, p. 96).

Notamos o grande poder da literatura que através da palavra representa um lugar capaz de guardar memórias e influenciar na constituição da identidade de uma nação, “imagem e memória coadunam-se como esferas potentes e atadas à luta pelo poder: manipular a memória e o esquecimento é condição importante na instauração e perpetuação de um grupo hegemônico” (RAMOS, 2011, p. 97). No livro de Jaffe (2012), encontramos exemplos disso na escrita do diário de Lili representando o coletivo de mulheres presas nos campos de concentração de Auschwitz, em que preserva e denuncia o que viveram naquele momento:

*16 de janeiro de 1945*

Hoje só temos dez doentes. Todos estão na revista. O alemão está enfurecido e berra:

– Vocês querem fazer de mim um imbecil? Vou mostrar para vocês! Andava e escolhia. Primeiro aquelas que não estavam bastante limpas ou arrumadas. Sabíamos que era o nosso fim, porque todas estavam desarrumadas, talvez menos nós, as vinte que estávamos bem, e talvez pudéssemos ser esquecidas. Como já havia mais de cem doentes, ele via que assim não poderia continuar. Agora as que não tivessem sapato. Todas olhávamos assustadas. Paralisadas e mudas, de cócoras. Por mais que estivéssemos sofrendo, não seria fácil se apresentar voluntariamente para morrer (JAFFE, 2012, p. 34).

Obras literárias permitem pensar a memória como peça fundamental na construção de identidades, portanto, salientamos a necessidade de recuperar o que propõe Le Goff (1990) sobre memória coletiva:

Posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas (LE GOFF, 1990, p. 427).

A literatura concebida assim, como lugar de memória, exerce papel essencial criando imagens e reconstruindo vivências, isto é, a memória manifesta-se na literatura como “registro do vivido, preservação e resgate de imagens ou reconstrução da experiência humana” (COSTA; ALVES, 2010, p. 187). Dessa maneira, promove e influencia dimensões da identidade coletiva, ou seja, parte-se da “compreensão das memórias na história da formação do homem enquanto ser histórico, social e, ao mesmo tempo, indivíduo particular” (COSTA; ALVES, 2010, p. 189). As memórias de Lili Jaffe, representam uma identidade coletiva apoiada em sua memória individual:

*5 de março de 1945*

Já faz mais de um mês que estamos aqui. Acostumamo-nos tanto às caminhadas que quase não sentimos mais a distância. No caminho, devemos cantar aquilo que o alemão nos ordena. Minhas pernas estavam inchadas, mas não eram somente as minhas, por causa da falta de ar dentro daquela mina. Quase metade de nós temos problemas com as pernas. Nem aguardamos o domingo. Lá fora fazia tempo bom. Fomos paradas bem na revista (JAFFE, 2012, p. 37).

O gênero memorialístico, como o diário narrado por Lili Jaffe, recria o passado pela linguagem. Apesar de ser um texto que aborda a trajetória de vida de pessoas e se encaixar como documento que interessa a princípio à história, vale salientar que

[...] é na recriação, na transformação da rememoração em linguagem que surge a ‘oportunidade poética’. É enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção (COSTA; ALVES, 2010, p. 187).

A construção desses gêneros textuais é marcada pelo uso da linguagem escrita imaginativa para representar eventos e fatos da realidade, criando novos e vários sentidos a eles:

*5 de fevereiro de 1945*

Descansamos até hoje. Comemos pouco. Havíamos recebido o suficiente. Mas é assim quando não trabalhamos. Perguntamos o clima aos mais velhos, como é ali e o que fazem. Dizem o tempo todo: – Vocês verão! (JAFFE, 2012, p. 35).

Nessa passagem, verificamos fatos reais sendo representados por meio da escrita. Márcio Seligmann-Silva (2005) sublinha que no testemunho a “realidade” deve ser considerada sempre como representação:

Nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o ‘teor testemunhal’ que marca toda obra literária, mas que aprendemos a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e escritura do século XX. Esse teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o ‘real’ e a escritura (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85).

As fronteiras frágeis existentes entre discurso histórico e discurso ficcional, também podem ser constatadas no livro de Jaffe, pois a história do Holocausto é representada por três mulheres reais, que reconstroem a experiência de Lili Jaffe, uma sobrevivente de Auschwitz, e segundo Silva (2014):

[...] a literatura de testemunho possui um caráter documental e ficcional, levando em conta que este último está sempre presente na reconstrução e representação dos fatos históricos, pois o século XX foi um período propício para as narrativas testemunhais, devido aos vários períodos ditatoriais, guerras e genocídios ocorridos. Questionar essa fronteira entre a ficção, o fato empírico e o literário pode ser uma das questões mais discutidas na literatura do século XX, em especial na literatura de testemunho (SILVA. 2014, p. 2)

São contextos de ditaduras e guerras que propiciam a escrita da literatura de testemunho, uma vez que eles sustentam e dão veracidade aos acontecimentos narrados, urgentes de se tornarem públicos. Isto é, possibilitam aos sobreviventes (os que optam por sair do silêncio) relatarem com autenticidade sobre o que viram e experienciaram nesses espaços de crueldades. Essas são algumas características que conferem à literatura de testemunho o importante caráter social que oportuniza evidenciar e denunciar catástrofes, violência extrema e luta pela sobrevivência. Entretanto, por se tratar de narrar fatos históricos, é possível a busca por informações por meios de documentos e outras provas dos fatos ocorridos nesses momentos. Dessa maneira, ser do conhecimento público o enredo principal dessas narrativas, coloca em xeque os limites entre história e ficção.

O fato é que muitos sobreviventes de períodos traumáticos tentam

'esquecer' o que viram e ouviram, e até conseguem não se lembrar de alguns episódios. No entanto, não quer dizer que eles apagaram de suas memórias tais 'situações-limite', para usar uma expressão dita por Márcio Seligmann-Silva (SILVA, 2014, p. 5).

Todavia, isso não diminui a necessidade e o compromisso social da escrita do testemunho, pois os relatos feitos por sobreviventes desses eventos históricos traumáticos são o que atribui autenticidade e veracidade ao texto, uma vez que eles são personagens reais que viveram o que narram, e isso é o que os difere dos narradores-artificiais criados para narrar algo semelhante, apenas baseados em documentos e fatos já conhecidos publicamente.

### 3 NARRATIVA DE TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA: LILI, NOEMI E LEDA, VOZES QUE NÃO SE CALAM

*Nem pura ficção, nem pura historiografia; testemunho*

*(ALFREDO BOSI, 1995, p. 309)*

O século XX foi marcado por eventos traumáticos na história da humanidade, como as duas Guerras Mundiais, a Guerra do Vietnã e a do Iraque. Ao longo do tempo, na literatura, narrativas foram produzidas, oriundas de relatos de vítimas desses grandes acontecimentos. A expressão literatura de testemunho tem circulado em livros, em revistas literárias e até mesmo na grande imprensa com intensidade crescente nas últimas décadas.

De acordo com Valéria de Marco (2004), o seu significado é impreciso, mas certamente o leitor comum não mais a associa à visão do texto literário como um testemunho de seu tempo, entendimento do senso comum que alude a sua capacidade de representar, com mediações formais, o processo social em que se inscreve sua produção. Nos últimos anos, a expressão remete sempre a uma relação entre literatura e violência.

Carolina Pina Rodrigues Maciel (2016, p. 75) assevera que “a literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico”. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de Holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. Percebemos, também, que o testemunho salienta a relação entre discurso histórico e discurso ficcional.

A perspectiva do testemunho também foi adotada por outros pesquisadores que se debruçaram sobre o livro *O que os cegos estão sonhando?*. Jacques Fux (2013), em seu artigo intitulado “Até quando os cegos continuarão sonhando?”, destaca a questão do testemunho no diário de Lili Jaffe: “[...] ainda que também calcado na possibilidade ficcional, pode ser encarado como um testemunho vivaz” (2013, p. 48). Para esse autor, testemunhos, relatos e escritos de sobreviventes

primários quando crianças nos campos de concentração evidenciam o sentimento de desamparo que esses sentiam nesses espaços de tragédias. Aponta que no diário de Jaffe, ao mesmo tempo que informa, mostra a condição de abandono e desproteção dessa jovem. Em razão disso, considera que:

O testemunho, portanto, seria a busca de expressar, através da linguagem, esse desamparo e carência. Instabilidade de identidade, silêncio, sentimento sempre presente de perda e solidão, falta de lembranças, lacunas em relação à própria juventude e questionamento constante no que se concerne ao judeu, dominam os discursos dos testemunhos primários (FUX, 2013, p. 48).

Breno Fonseca Rodrigues (2016), ao abordar o testemunho de Lili Jaffe, observa que a fragmentação da linguagem é marcada pela obstrução da narrativa de Lili Jaffe em seu diário, afirma que isso indica um emudecimento da personagem. Verifica também que a fala dessa personagem é cortada pelo uso de reticências, que “aludem à obstrução da narrativa, à falta do que dizer, mesmo se sentindo livre. Ela está submersa em lembranças traumáticas de um passado próximo e pensamentos de um futuro incerto” (RODRIGUES, 2016, p. 3). O autor considera que relatar por meio da linguagem a experiência sufocante de Lili é uma tarefa árdua, uma impossibilidade e uma necessidade.

De acordo com Fábio Waki (2021), a experiência da barbárie nazista só pode ser imaginada pelas artes, especialmente pela literatura e reconhece seu papel fundamental:

[...] uma vez que não é possível compreender com toda precisão como uma vítima experimentou na pele um certo ato de barbárie, esse processo imaginativo deve buscar explorar não a suposta realidade do horror de um ato bárbaro, mas sim as possíveis condições de humanidade que tendem a ser fragilizadas, interrompidas ou esmagadas por esse ato (WAKKI, 2021, p. 40).

A partir dessas pesquisas, ampliaremos as reflexões a respeito do testemunho com base no diário de Jaffe, considerando-o também como um importante registro dos fatos ocorridos em Auschwitz. Ao representar a realidade, a narrativa de testemunho imprime um caráter documental à narrativa. Os elementos advindos de momentos históricos como o Holocausto associados à imaginação são o que conferem o tom de compromisso e responsabilidade, dando

voz a minoria de sobreviventes esquecidos pelo discurso hegemônico, que se expressam não só por eles, mas também pelos que não tiveram a chance de falar. Dessa forma, a literatura de testemunho difere-se das demais vertentes de escritas ficcionais figurando um papel de extrema importância, visto que possui como característica “fazer emergir o imaginável, o possível e o impossível da ‘realidade’, pois por ser inconcebível em sua totalidade, a dúvida e a certeza a habitam” (RAMOS, 2011, p. 96).

[...] a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à ‘ficção’. A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à ‘musealização’ do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo no presente. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela quer apresentar, expor o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes [...] (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 57).

É nesse sentido que a literatura de testemunho no livro *O que os cegos estão sonhando?* reflete a realidade, pelo viés de Lili Jaffe, uma sobrevivente de Auschwitz, ao apresentar relatos em seu diário que comprovam os momentos difíceis que viveu ali como prisioneira:

— Ah! É você, então?! Ontem, você roubou margarina; hoje, carne! E começou a me espancar. Acertou-me três vezes: uma na cabeça, outra, nas costas e, pela terceira vez, no peito. Mas isso não lhe bastou. Seguia-me constantemente, mas não as outras. Elas passeavam e ela nem ligava. Nós cinco, que já sofremos juntas, sim. Amputaram a perna de uma, operaram a segunda, a terceira; eu tinha feridas até os ossos, que tentava curar sozinha, o tempo todo (JAFFE, 2012, p. 25).

Lili registrou em seu diário o passado real vivido por ela e por outras confinadas. Nesse episódio, logo após ser castigada pelo roubo de margarina na cozinha, recebeu novamente punição junto com as demais mulheres que trabalhavam nesse ambiente, pelo fato de que nenhuma delas teve coragem, dessa vez, de declarar-se culpada sozinha pelo roubo da carne. Registros verdadeiros de crueldades como essa, experienciada nesse momento histórico, são o que concebem um valor documental a seus escritos, uma vez que eles são feitos por meio do testemunho de alguém que de fato esteve em campos de concentração.

A narração de Lili Jaffe sobre esse período histórico nos ajuda a compreender melhor as barbaridades cometidas pelos nazistas. Mesmo sabendo que as discussões sobre história e ficção não se esgotam, vale dizer que da mesma maneira que não se pode reduzir um discurso histórico a um simples relato, também o literário não se configura como reflexo/imagem autêntica da realidade. Por um lado, “a História assume diante da força que a *ars oblivionis* [arte do esquecimento] adquire – sobretudo como uma reação aos fatos extremos do nosso século – o caráter de um tribunal” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 63). Por isso, atentamos para o fato de que “se o século XIX sofreu de ‘história demais’, a nossa pós-modernidade sofre de ‘fim da história’, de ‘fim da temporalidade’ [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 63).

Por outro lado, “o tempo interno móvel e a mescla dos enunciados permitem ao discurso literário uma maior autonomia em relação ao histórico” (RAMOS, 2011, p. 96). Partindo desses pressupostos, o livro de Jaffe expõe que “pensar sobre a literatura de testemunho implica – repensar a nossa visão de História – do fato histórico [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48).

No diário de Lili, é possível encontrar o que propõe esse último autor, visto que constatamos seu testemunho sobre vários acontecimentos em que ela e um coletivo de mulheres vivenciaram desde a captura pelos alemães até a prisão no Holocausto. Nele, denuncia o modo desumano como eram tratadas as pessoas levadas para Auschwitz, revela-nos a partir de seu discurso, uma perspectiva testemunhal desse fato histórico.

*Szenta, 27 de abril de 1944*

Às quatro da manhã, escorraçam-nos de um modo pior do que os animais são tratados. Chove sem parar. Lama até os joelhos. Mulheres velhas e crianças pequenas choram. Os alemães batem em todos e gritam:

— Judeus sujos! (JAFFE, 2012, p. 14).

Nessa passagem, Lili testemunha o que vivenciou nos momentos antes de ter sido levada com sua família e várias outras pessoas para um trem de carga que os transportaria da cidade de Szenta na Sérvia até a região de Szeged na Hungria, onde foram colocados em grupos de sessenta pessoas em um mesmo quarto.

Denúncias como essas testemunhadas por Lili, confirma-nos que a literatura de testemunho é de extrema importância, pois além de nos possibilitar refletir a respeito da História, permite não nos deixar acreditar no que nos é contado por apenas um único ponto de vista, como por exemplo o dos nazistas que convenceram a sociedade alemã: “a situação era tão simples quanto desesperada: a esmagadora maioria do povo alemão acreditava em Hitler” (ARENDR, 1999, p. 114). Tentaram exterminar todos os judeus para não deixar pistas de suas atrocidades praticadas.

Para tentar compreender os atos bárbaros cometidos durante o Holocausto, bem como as perversidades executadas em Auschwitz comandadas por Hitler, Hannah Arendt, a partir de relatos que fez do julgamento de Adolf Eichmann (discípulo desse ditador) em Jerusalém, escreveu vários artigos que compuseram posteriormente seu livro *Origens do totalitarismo*. Nele, trata sobre a banalidade do mal.

Ao ouvir desse nazista insistentes argumentações como “não sou o monstro que fazem de mim. Sou uma vítima da falácia” (ARENDR, 1999, p. 269), atenta para o fato de ele ter sido uma pessoa comum, vislumbrada em adquirir poder e ascender de cargo, seguindo sempre as instruções de um superior, considerando a obediência como uma virtude: “nunca matei um judeu, nem um não-judeu – nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar...” (ARENDR, 1999, p. 33).

Arendt aborda a questão do mal, não o vendo como algo que possui uma dimensão demoníaca, mas como algo que está presente no nosso cotidiano, em pequenas ações que unidas a outras tantas contribuem para o extermínio de milhões de pessoas. Para ela, qualquer pessoa seria capaz de praticar esse mal, “o problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (ARENDR, 1999, p. 299).

Dessa forma, estabelecendo uma comparação com a nossa atualidade, o nazista Adolf Eichmann poderia ser como o famoso “cidadão de bem”, pois a estudiosa Arendt declara que esse era um homem normal, medíocre, que só sabia obedecer às ordens, incapaz de pensar. Nesse sentido, considera que só o bem

tem profundidade e pode ser radical, o mal é banal, ou seja, é parte estrutural da sociedade moderna.

Sabemos que é impossível mensurar o tamanho da dor e sofrimentos causados por todo esse mal cometido pelos nazistas não só para com Lili, a personagem da obra aqui analisada, como também para milhares de pessoas, por isso, o testemunho e relato dessa sobrevivente é tão relevante e necessário. Ele nos transmite um pouco da dimensão dos fatos experienciados por uma das muitas vítimas do Holocausto e comprova que esses crimes horríveis realmente aconteceram.

De acordo com Giorgio Agamben (2008), o testemunho possui um relato ausente, distante do seu campo de fala. Sendo assim, a testemunha ocupa a função de resto, em que dará voz àquele que está incapacitado de falar: “As ‘verdadeiras testemunhas’, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo” (AGAMBEN, 2008, p. 43). Esse pensador italiano, lendo Primo Levi (escritor e prisioneiro de Auschwitz), considera como testemunhas verdadeiras aquelas que não mais estão aqui para poder contar suas experiências, ou seja, são as que não sobreviveram. Cabe, desse modo, aos sobreviventes dar seu testemunho por proximidade, já que eles não experienciaram o extermínio:

Dar testemunho é assim falar de uma experiência radical, que o sobrevivente não teve. É uma impossibilidade de testemunhar, por assim dizer. Há, pois, um duplo paradoxo na condição da testemunha: o paradoxo que resulta da impossibilidade de expressar por palavras uma situação limite, e o paradoxo da condição do sobrevivente, que dá testemunho, por aproximação, da experiência radical daqueles que não sobreviveram ao Holocausto e pela qual ele próprio não passou (SOUZA, 2010, p. 249).

Agamben (2008) e Souza (2010) afirmam que a testemunha integral seria aquela que não sobreviveu, restando ao sobrevivente a função de testemunhar por aproximação. Dessa forma, o testemunho de Lili Jaffe é sinônimo de experiência, pois além de presenciar vários fatos de um crime histórico, ela também sofreu na pele muitas torturas durante o período que esteve prisioneira dos alemães nazistas. Como relata a seguir:

5 de abril de 1945

Não estamos nem vivos nem mortos. De cento e vinte, ficamos em trinta. Estamos a cinquenta quilômetros de Bendorf. Estamos perto de Hamburgo, mas não há como viajar daqui para frente. Os aviões nos sobrevoam o tempo todo; os homens nos consolam e dizem que a libertação está próxima. Mas não acreditamos. Já tenho dificuldade para falar. Pedimos ao alemão que não nos torture mais; não queremos viver mais; que nos mate [...] (JAFFE, 2012, p. 38).

Lili, portanto, testemunha o que suportou dentro do vagão de um trem já na Alemanha em um dos momentos que antecedem a libertação dela e de outros sobreviventes.

Souza (2010), que comunga das ideias de Agamben (2008), entende que as verdadeiras testemunhas estavam mortas antes de morrer e já haviam perdido toda capacidade de se comunicar. Nesse sentido, esse pesquisador pontua que:

O que Agamben procura fazer é compreender a estrutura do testemunho. O testemunho é relegado ao plano da linguagem não como o que resulta da impossibilidade de dizer, mas como um sistema de relação entre o dizível e o indizível; entre o que se pode dizer e aquilo que de fato se diz. É o que fica entre as potencialidades da linguagem e a sua possibilidade efetiva. Dar testemunho é colocar-se nesta cisão entre o que é possível dizer e o que se diz. O testemunho é, assim, uma efetivação possível, uma possibilidade de dizer que carrega a potência do não-dizível (SOUZA, 2010, p. 249).

Nessa mesma perspectiva da tensão entre dizer e não dizer, da possibilidade ou não da exteriorização do sofrimento através da linguagem, Seligmann-Silva (2003) postula que:

O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o 'real') com o verbal [...] O dado inimaginável da experiência concentracionária descontrói o maquinário da linguagem. Essa linguagem entravada, por outro lado, só pode enfrentar o 'real' equipada com a própria imaginação: por assim dizer, só com a arte a intraduzibilidade pode ser desafiada – mas nunca totalmente submetida (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46).

Essa dificuldade em verbalizar, citada por Seligmann-Silva (2003) e retomada tanto por Agamben (2008) quanto por Souza (2010), vemos não só em Lili, como também em outros testemunhos de sobreviventes. Eles demonstram

certa dificuldade para se comunicar, mesmo em situações cotidianas, que, em um primeiro momento, não tem nenhuma relação com o cenário de guerra.

Copenhague, 5 de março

[...]

No navio, entravam cinquenta por vez. Sentamos quatro em cada mesa. Vieram garçons com o cardápio.

— O que desejam?

Não conseguíamos achar palavras. A enfermeira percebeu isso e fez o pedido por nós.

Café com leite quente, flocos de aveia, pão com manteiga e, depois, bolo (JAFFE, 2012, p. 43).

Observamos que as lacunas presentes no diário de Lili Jaffe podem representar um mutismo, logo, algumas dessas cenas não são narradas, e, dessa forma, a linguagem é muitas vezes seca, fragmentada e sem metáforas. Isso aponta para a necessidade de reconstruir sua história, pois há fatos que esbarram nestes limites:

O não-essencial é o dizível, o narrado, aquilo que está no arquivo. Por sua vez, o essencial torna-se indizível. O resto de Auschwitz é a passagem do dito não-essencial ao não-dito fundamental. Esta falta, esta lacuna, este deslocamento, esta não-consciência desmancha qualquer plenitude discursiva e ameaça o logos de desmoronamento (SOUZA, 2010, p. 250).

A violência extrema e a desumanidade praticadas nos campos de concentração em Auschwitz pode parecer inimaginável e absurda para quem não as presenciou, por isso, inclusive, pode soar como mentira, à medida que a distância temporal possa de certa forma atenuar no imaginário coletivo as atrocidades cometidas. Mas apesar disso, o sobrevivente traduz suas feridas e choques na memória num gesto de reconstrução para se libertar e testemunhar. Em vista disso, “narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66). Dessa maneira, constatamos a necessidade e pertinência do relato testemunhal:

[...] podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade elementar, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta do Lager (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

É, desse modo, que essa sobrevivente dá seu testemunho escrevendo sobre os fatos presenciados e vivenciados por ela e por outras mulheres durante a guerra, o que evidencia sua necessidade de testemunhar para sobreviver, ou seja, há uma carência de tornar pública toda a violência sofrida:

À meia-noite entramos no campo de concentração. Caminhamos muito até chegar a um banheiro. Entramos. Dentro estava cheio de alemães e alemãs que tiraram de nós tudo o que tínhamos ainda. Em seguida, precisamos ficar nuas e entrar num outro lugar. Havia somente mulheres ali, que cortaram os nossos cabelos. Tentei escapar entrando num outro recinto. Mas o destino me aguardava lá. Sentia muito pelo meu cabelo, mas, quando pensava em meus pais, não sentia nenhuma outra dor [...] (JAFJE, 2012, p. 16-17).

Entre tantos sofrimentos, a feminilidade, representada pelo cabelo de Lili, acaba ficando em último plano, pois ao lembrar do destino trágico de seus pais, ela percebe que perder os cabelos é uma pequena amostra das terríveis crueldades que poderá sofrer ainda. Nesse fragmento, ela reproduz por meio da escrita, um dos acontecimentos de humilhação pelos quais muitas pessoas passaram durante o Holocausto, nele fica evidenciado o desejo dela de registrar para não esquecer essas memórias de tamanho sofrimento.

A partir dos estudos de Seligmann-Silva (2003), observamos que os sobreviventes, como nossa personagem aqui analisada, são as testemunhas aptas a recriar por meio da escrita as cenas por elas experimentadas, visto que:

Aquele que testemunha sobreviveu – de modo incompreensível – à morte: ele como que a penetrou. Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte – o indizível por excelência, que a toda hora tentamos dizer – recebe novamente o centro e o império sobre a linguagem. O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52).

Seligmann-Silva (2003) discorre que “devemos [...] manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48). Nesse sentido, a mãe de Noemi, ocupa essa função de testemunha, pois ela testemunhou uma catástrofe histórica. Assim, escreve

também em nome de um coletivo que não pôde dar seu testemunho a respeito dos maus-tratos e crueldades sofridos.

Nossas mãos estavam congeladas. Tivemos coragem, então, de acender uma fogueira. Sob vinte graus negativos. Hoje faz treze. Nossa situação era insustentável. Quando o alemão não nos observava, deixávamos de trabalhar para assoprar e aquecer as mãos (JAFFE, 2012, p. 33).

Para pensar o testemunho, Seligmann-Silva (2003) traz do latim duas palavras: o *testis* e o *superstes*: “a primeira indica o depoimento de um terceiro em um processo”, já a segunda “indica a pessoa que atravessou uma provação, o *sobrevivente*.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 373-374). Dessa maneira, o testemunho de Lili, enquadra-se como essa última, uma vez que ela relata o que presenciou no Holocausto:

— Ah! Então são vocês!? Vocês ficarão de joelhos diante da cozinha até a revista, que será à uma e trinta. Se até lá vocês não confessarem quem de vocês roubou a margarina, atirarei as quatro no crematório!!! (JAFFE, 2012, p. 23).

Lili Jaffe como *superstes*, mais uma vez, ao testemunhar a ameaça de morte feita por uma alemã, denuncia a existência deste método cruel que foi o crematório, usado para exterminar milhares de pessoas.

De acordo com Márcio Seligmann-Silva (2008), “o testemunho é uma modalidade da memória”, desse modo, é preciso atentar para a narração do trauma – a questão do testemunho oblíquo evidenciado no diário de Lili Jaffe, e na narrativa de *O que os cegos estão sonhando?*, que expõe a memória de uma sobrevivente de um atentado histórico. E assim, tem-se, na literatura, a acolhida com a memória coletiva em uma busca pelo processo de compreensão da memória fragmentada através da escrita de ausências. Registra-se, portanto, para não esquecer:

15 de janeiro de 1945

Os dias passavam iguais. Chorávamos de frio e de dor. A palha em que deitávamos já não podia ser chamada de palha. [...] Dormíamos como sardinha em lata. Não porque não tivéssemos lugar suficiente, mas

porque tínhamos muito frio. Havia muitos ratos [...] (JAFFE, 2012, p. 33).

Ao narrar momentos terríveis como esse, Lili mostra-nos por meio de seu testemunho, um cenário cruel em que choravam pela dor e pelo frio, registrado nessas suas memórias fragmentadas e tristes de mais esse evento traumático, sofrido por ela por várias pessoas enquanto estavam presas nos campos de concentração.

Logo, verificamos que “a *imaginação* se apresenta [ao sobrevivente] como o meio para enfrentar a crise do testemunho” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). Nesse sentido, ressaltamos que apesar de as três narradoras, no diário e nas narrativas de *O que os cegos estão sonhando?* valem-se de palavras delicadas para partilhar e refletir sobre o horror presenciado pela personagem principal nos campos de concentração de Auschwitz, “o trauma é caracterizado por ser uma memória de passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Ou seja, elas escrevem sobre as dores sentidas e sobre temas amargos como a falta de perdão e raiva:

*Eu não tenho raiva de ninguém. Nem dos nazistas. Não gosto de ter raiva. A supressão da raiva deve fazer parte do processo cirúrgico do esquecimento; sentir raiva significa alimentar a memória de fatos e histórias para que elas (a memória e a raiva) possam manter-se continuamente; para que elas sejam repassadas, para que se tornem um legado de muitas gerações. Todas as filhas têm dificuldade, como ela, de sentir raiva [...] (JAFFE, 2012, p. 116).*

Constatamos nesse discurso de Lili que, embora afirme não ter raiva e nem sentir ódio dos alemães nazistas, há um silenciamento. Essa opção de dizer apenas poucas palavras para representar seus sentimentos perante às atrocidades sofridas e presenciadas por ela demonstra uma espécie de esquecimento proposital, isto é, escolhe não exteriorizar o que verdadeiramente sente em relação ao seu passado traumático.

Cabe dizer que o testemunho de um sobrevivente, acometido pelo trauma, difere-se dos demais, uma vez que ele é na maioria das vezes narrado por pessoas comuns, ou seja, diferentemente dos testemunhos de Maurice Halbwachs e Primo Levi (prisioneiros em Auschwitz e Buchenwald), reconhecidos no meio acadêmico,

por exemplo. E isso, segundo diferentes autores, é o que confere complexidade a esse discurso, atribuindo-lhe o importante papel de poder dar um testemunho singular como o de Lili Jaffe.

Agamben (2008) afirma que “entender a mente de um homem comum é infinitamente mais difícil que compreender a mente de Spinoza ou de Dante” (AGAMBEN, 2008, p. 21). Com isso, atentamos para uma questão muito discutida: quem serão os leitores interessados no testemunho dado por sujeitos perpassados por subjetividade e experiências, privados de voz e de identidade. Assim, notamos mais uma vez a pertinência do testemunho de um sobrevivente do Holocausto, que representa esse grupo de minoria falando não só por ele, mas por muitos outros que foram silenciados. Desse modo, a pesquisadora Raysa Luana da Silva (2014) pondera que:

Vista desse modo, a afirmação de Agamben de que entender a mente de um homem comum é conflituoso pode ser compreendida da seguinte forma: sempre haverá conjeturas sobre o pensamento de um intelectual, como Dante ou Spinoza. Sempre existiu e existirão investigações sobre o que eles pensaram e escreveram, ainda que nem todas possam ser consideradas verossímeis. Entretanto, entender a mente de um homem comum pode tornar-se um desafio, pelo fato de que seu pensamento e/ou relato não tem o prestígio que goza um intelectual (SILVA, 2014, p. 7).

Segundo Seligmann-Silva (2008), “o trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal [...]”, dessa forma, retoma a noção de Freud e assevera que “na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

1º de abril de 1945

Ainda **estamos** no vagão sem comida. Mas não **somos** mais cento e vinte, porque a cada dia **temos** quinze, dezesseis mortos. Os alemães **vêm** do campo (ilegível) e **perguntam** quanto **somos**.

— Só cinco! (JAFFE, 2012, p. 37, grifos nossos).

O fato de o testemunho do passado se dar sempre no presente é uma característica do texto testemunhal, no fragmento do diário, Lili optou por conjugar os verbos no tempo presente. Essa é uma forma de atualizar o passado no

presente, e isso se aproxima da ideia de Freud recuperada por Seligmann-Silva (2008):

Mais um paralelo, aliás, com a cena psicanalítica e sabemos que Freud buscou várias metáforas ao longo de sua vida, como a da câmara fotográfica, um campo geológico e o bloco mágico, para exprimir este elemento paradoxal da temporalidade psíquica concentrada em um mesmo topos [...] (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

O trauma é, neste sentido, atemporal, pois não há a mesma lógica do tempo cronológico para o tempo do trauma. Em outras palavras, ele é acompanhante fiel do indivíduo que o traz, tem o poder de, mesmo em tempos depois, causar a mesma dor de quando foi criado. Dor esta, que tem objetivo de lembrar do contexto em que o trauma nasceu e assim, - como uma espécie de proteção – livrar o indivíduo de novas situações que são similares, como uma forma de fuga. Nesse sentido, “[...] a ‘literalidade’ da situação traumática traz consigo a sensação de singularidade absoluta. Esta não é nada mais do que o sintoma da ruptura com o simbólico” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

Freud identificou a dificuldade de se estabelecer a “realidade” das cenas traumáticas que povoam as mentes de suas pacientes. Ele notou que há uma confusão entre reconstrução e construção do real, ou seja, as vítimas demonstram certa dificuldade em relatar a cena traumática de uma violência que sofreram. Quando lemos Seligmann-Silva (2008), que cita Freud, verificamos uma espécie de negação por parte de quem tenta narrar as imagens de eventos traumáticos, pois falar sobre o assunto, para ele, é sempre muito dolorido e difícil. Dessa forma, “a teoria da defesa diante da ‘vivência da dor’ contém, neste sentido, ensinamentos preciosos. O mesmo vale para seu conceito de *Verleugnung*, recusa da realidade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 81-82). No exercício de reconstrução do real (o vivido) é necessário a construção do ficcional (imaginado/criado).

Essas proposições de Freud abordadas por Seligmann-Silva (2008) estão presentes no diário de Jaffe: [...] o coração batia tanto que eu podia ouvir. Era tanto medo que eu sentia [...]” (JAFFE, 2012, p. 34). Nessas palavras de Lili, há uma tendência em querer “esquecer” os momentos traumáticos que suportou

enquanto prisioneira em Auschwitz, visto que não detalha muito os fatos violentos experienciados. É dessa forma que identificamos seu trauma.

Nesse sentido, confirmamos a importância e a necessidade do testemunho de um sobrevivente de eventos traumáticos, que apesar de suas dores e traumas resistem por meio de suas escritas:

Todo testemunho é único e insubstituível [...] como evento singular desafia a linguagem e o ouvinte [...] esta singularidade absoluta do testemunho barra-se a possibilidade de sua repetição e sinapse com o simbólico, sempre assombrado pela possibilidade da sua ficcionalização [...] esta passagem para o imaginário é desejável e pode ter um efeito terapêutico (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

Assim como outros sobreviventes de situações e acontecimentos traumáticos, Lili simboliza e reconstrói as cenas trágicas testemunhadas por ela:

O alemão segura uma lâmpada, toca-nos para andarmos mais depressa, ameaça nos bater. Já **não sinto as pernas**. São mais de seis quilômetros que caminhamos. **Não sentimos as pernas** e todos estão gemendo. **Ainda** não chegamos. **Ainda** está longe, dizem as pessoas que passam por nós. É impossível suportar isso [...] (JAFFE, 2012, p. 37, grifos nossos).

Lili tenta (re)construir imagens para o que viveu em um dos momentos que antecederam sua libertação. Assim, concordamos com o que Seligmann-Silva (2008) propõe quando diz que:

A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar essa nova dimensão. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Nessa forma de narrar, presente no diário de Lili Jaffe, em que há repetições intencionais de palavras, que dão ênfase ao que deseja ser lembrado, é possível notar um nítido desejo de testemunhar como forma de sobrevivência apontada por Seligmann-Silva (2008).

Tanto no diário de Lili quanto no livro de Noemi, há um exercício que traz para dentro da ficção elementos da realidade, de maneira que mescla ambas a

ponto de elas serem vistas como “complementares” no texto. Sobre isso, a autora do livro escreve em 2007 em uma crônica para o jornal *Folha de S. Paulo*, “não sei a diferença entre ficção e realidade. Mas sei que pequenas coisas podem determinar muito, para o bem e para o mal. Na verdade, isso não tem importância, e aqui, agora, não quero nem saber.” Dessa forma, vemos que a imaginação é o artifício a ser usado pelo sobrevivente que testemunha para enfrentar o peso do trauma.

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para a sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 38).

18 de janeiro de 1945

De repente, mandaram que nos preparássemos: seríamos removidas dali. A cidade não estava mais disposta a pagar, porque éramos preguiçosas, disse o alemão. E eu pensava, as outras também, que a razão não era essa. Os russos estavam se aproximando [...] (JAFFE, 2012, p. 35).

Para tentar diminuir a angústia e dor causadas pelo excesso de sofrimento experienciado, Lili buscou na ficção elementos para representar a dura realidade que acabara de testemunhar e registrou em seus escritos detalhes desse crime contra a humanidade. Deste modo, ela enfrentou sua nova realidade de sobrevivente, com muita coragem e resistência, escreveu e denunciou o que foi esse genocídio.

Nem cheguei a refletir a respeito do que devia fazer. Corri direto para dizer à alemã que eu era culpada. Mas, no fundo, nem sabia bem do que se tratava de fato. Quando as outras garotas viram o que estava disposta a fazer, apanharam-me e não quiseram me largar, pois sabiam que aquilo significava a morte. Eu era mais forte do que elas, o momento da revista estava próximo. Precisava me apressar. Por que quatro devem pagar, se eles ficariam satisfeitos com uma só? E eu não tinha medo da morte (JAFFE, 2012, p. 23).

Nesse sentido, podemos evidenciar que as palavras escritas por Jaffe são, sim, um testemunho desse evento histórico traumático, uma vez que é possível

identificar sua disposição para tocar o trauma. E é, dessa maneira, que ela resiste ao nazismo e sobrevive.

### 3.1 Escrita e resistência: diálogos entre gerações

*Penso que mostrar a força de resistência de uma sobrevivente é inspirador para todos os tipos de sobrevivência, desde as mais triviais (sobreviver ao dia-a-dia) até as mais dramáticas, como mortes, pandemias e governos desastrosos. Por isso, no livro, escrevo sobre dignidade, por exemplo e sobre a própria força de contar histórias, que é uma das formas mais poderosas e criativas de sobrevivência e de resistência.*

(Noemi Jaffe, 2021, n.p.)

Em *O que os cegos estão sonhando?*, ao apresentar suas perspectivas e as de sua filha Leda enquanto familiares que conviveram com uma testemunha de Auschwitz, Noemi dá ênfase aos fragmentos dos escritos de Lili, por meio de reflexões sobre eles e ainda retoma esse fato histórico, apontando como o testemunho passa por um processo de resistência. Nesse sentido, opta por não somente traduzir para o português e publicar o diário de sua mãe, fugindo do rótulo de mais um diário de sobrevivente (extremamente necessário), mas também salienta sobre a convivência com uma testemunha do Holocausto.

A partir das escritas da Noemi e de sua filha Leda, evidenciamos duas vozes de diferentes mulheres, que representam perspectivas distintas de seus meios sociais e de suas experiências de vida, em que demonstram autodescobertas e buscas por suas identidades enquanto mulheres e escritoras. Dessa forma, partem de uma escrita não-linear, de um diário íntimo e memorialístico para duas narrações em terceira pessoa em que emitem seus olhares sobre o mundo e as coisas, ou seja, suas formas de subjetivações, especialmente sobre a experiência traumática de Lili como sobrevivente de Auschwitz.

Pensando nessas mulheres que escrevem em *O que os cegos estão sonhando?*, lembramos que no século XX, a mulher passou a questionar-se: “a vida humana consiste em cada um perguntar-se por si mesmo e não ir dando um significado ao nome próprio que cada um de nós possui: isso é nossa biografia. [...]” (COELHO, 1991, p. 93). E como consequência dessa atitude de inquietação

e questionamento próprio, é que as identidades femininas vão sendo (re)criadas e fortalecidas, pautadas na diferença e na autodescoberta, exigindo assim atenção da crítica que, até então, olhava apenas para a literatura do patriarcado.

Sobre o apagamento pelo qual passou a escrita de mulheres, Cargnelutti e Reis (2017), ao analisarem a dimensão histórica e literária da construção da desigualdade, dos silenciamentos e das exclusões sociais e culturais referentes às mulheres, destacam a necessidade de os pesquisadores considerarem o gênero como uma identidade subjetiva, ou seja, isso se aplica não somente às mulheres, mas, também, aos homens, pois os papéis sociais destinados a ambos muitas vezes não foram seguidos.

Dessa maneira, propõem pensar como os símbolos culturais que se referem às mulheres “são construídos historicamente e como os conceitos normativos são estruturados e difundidos de modo a determinar a elas uma dada função social (que não fuja da ordem definida por esses próprios conceitos)” (CARGNELUTTI; REIS, 2017, p. 41). Em consequência disso, as ideias de feminilidade e masculinidade são construídas a partir das performances produzidas, isto é, por repetições e definidas de modo cotidiano e contínuo (CARGNELUTTI; REIS, 2017).

As diferentes interpretações relacionadas aos estudos de gênero apontam para a existência de uma sociedade baseada historicamente em modelos e valores patriarcais e falocêntricos. Essa estrutura “manifesta o domínio de uma parte da humanidade sobre a outra, ou seja, do mundo dos homens (considerado superior) sobre o mundo das mulheres (visto como inferior)” (CARGNELUTTI; REIS, 2017, p. 42). Essas percepções estão ligadas às relações de poder entre os gêneros elencadas pela historiadora e uma das principais referências nos estudos de gênero, Joan Scott:

[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder [...] é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder. [...] os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. [...] o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995, p. 88).

Na sociedade patriarcal, foi historicamente construída a concepção da mulher como inferior ao homem, o que causou uma exclusão e o apagamento em vários âmbitos da sociedade bem como no campo literário. Sabemos que a exclusão das mulheres sobretudo nos campos intelectual e artístico é resultado da discriminação entre os sexos. Inclusive, ainda no início do século XX, havia pesquisas e estudos a respeito da falta de capacidade intelectual delas, propagados por uma:

[...] sociedade que se recusava a aceitar a concorrência feminina, em qualquer de seus domínios. As relações entre os sexos eram, antes de tudo e sem sombra de dúvida, relações de poder e marcaram de forma inequívoca a história social e cultural de um povo (DUARTE, 1991, p. 89).

Observamos, com isso, que por muito tempo as mulheres foram vítimas de muito preconceito e de falta de reconhecimento o que aponta para uma realidade que “salienta uma hierarquização determinada pelo gênero, presente em todas as camadas sociais, responsável por podar grandes escritoras que sequer têm seus nomes registrados nos livros de história da literatura” (CASARIN, 2021, p. 311).

Nesse sentido, as escritoras demonstram resistência não só por meio de suas escritas como também em várias outras esferas da vida com muita determinação e persistência, uma vez que evidenciamos o longo processo de luta e reivindicações pelo qual elas passaram tanto na escrita quanto nos diferentes espaços sociais. Assim, compreendemos que as mulheres ainda devem continuar lutando por seu espaço, posto que o processo de reconhecimento de obras e da literatura feminina, é contínuo.

Nesse cenário, os escritos de autoria feminina, expõem a consciência crítica da mulher escritora e evidenciam modos de resistência perante à conjuntura literária contemporânea brasileira.

A forma principal de resistir a esse silenciamento é não se conformar com o reconhecimento ou não de suas obras pelo sistema literário tradicional e questionar o cânone tradicional, aquele que corrobora para a manutenção de valores elitistas e conservadores quanto à autoria e a temáticas, como algo que não pode ser visto como algo incontestável, mas sim passível de crítica. Também é entender que a publicação de um texto está sujeita a um mercado que busca conservar discursos dominantes e que tem o lucro como propósito principal [...] Assim como

não há uma verdade absoluta, não há cânone que represente um país de maneira absoluta, e todo processo de escolha de obras implica um processo de exclusão, normalmente atrelado a literaturas que estão à margem, escritas por sujeitos que pertencem a grupos minoritários (CASARIN, 2021, p. 309).

Vale destacar que apesar de todos os avanços conquistados pelas mulheres, na atualidade, infelizmente os valores patriarcais ainda regem/influenciam os rumos de muitas escritoras. Dessa forma, são cruciais discussões e contribuições que promovam “um movimento político de resistência e união em busca de igualdade entre mulheres e homens na Literatura Brasileira Contemporânea” (CASARIN, 2021, p. 313).

Em *O que os cegos estão sonhando* ocorre a quebra do paradigma da estrutura determinada do romance, que como é sabido, é composto por personagens, tempo e espaço geralmente fixos, uma vez que essas mulheres escrevem um texto híbrido. Essa escrita também funciona como uma forma de resistência, uma vez que colabora para a afirmação da literatura de autoria feminina no interior da literatura universal:

A visibilidade de tal produção revela aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação (TEIXEIRA, 2009, p. 82).

Essa busca necessária e constante por visibilidade, pode ser resumida como sinônimo de resistência, e que, de acordo com Alfredo Bosi, seu sentido “apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 1996, p. 11).

Na literatura produzida por Jaffe, há a inserção de mais duas escritas a um diário de guerra, nas quais refletem sobre ele e os vários temas importantes relacionados a questões diretamente ligadas a esse evento histórico. Dessa maneira, evidenciamos uma escrita de resistência que nos mostra como Noemi e Leda lidam com a herança do Holocausto e confirmam as atrocidades praticadas pelos nazistas. Para isso, partimos do significado da palavra "resistência" segundo o dicionário Michaelis On-line, que traz acepções como: ato ou efeito de resistir e

não aceitação da opressão<sup>4</sup>.

Segundo Bosi (1996), o termo resistência e as suas aproximações com os termos cultura e arte alavancaram entre as décadas de 1930 e 1950, quando vários intelectuais se engajaram no combate ao Fascismo, ao Nazismo, ao Franquismo e ao Salazarismo. Foi um período em que os intelectuais e as forças populares uniram esforços, o que deu origem ao cerne da literatura conhecida como literatura de resistência, expressão coincidente com a estética do Neorrealismo Português. Nesse contexto pós-guerra, as obras passam a abarcar mais os valores documentais e testemunhais e:

A escrita passara a ter a mesma substância cognitiva e ética da linguagem de comunicação, que é o nosso pão cotidiano quer na vida pública, quer na vida privada. A escrita ficcional teria passado a ser uma variante e, não raro, uma transcrição do discurso político ou da linguagem oral, de preferência popular [...] o escritor [...] se despe dos preconceitos e do imaginário burguês para plasmar uma linguagem aderente ao real e aos valores de progresso, justiça e liberdade (BOSI, 1996, p. 19).

O conceito de resistência, assim, está vinculado a uma luta política, em que se recusa a desordem estabelecida. Desse modo, leva-se em consideração “resistir à memória viva do passado e resistir imaginando uma nova ordem, numa atitude de contradição aos discursos correntes” (BOSI, 1977, p. 145). Portanto, nessa concepção, os textos literários abordam realidades sociais, trazem para a ficção inúmeras denúncias, vão contra sistemas hostis e a todos os violentos atos praticados em diferentes períodos e possibilitam uma maior reflexão sobre os momentos históricos.

### **3.2 Noemi Jaffe: crítica e resistência**

Intelectual, Noemi buscou refletir sobre temas amargos relacionados ao Holocausto, valendo-se de referências advindas de seus conhecimentos de áreas como a antropologia, filosofia, psicologia e da própria literatura. Por meio de uma escrita crítica e ao mesmo tempo criativa, a autora também traz para discussão e

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=resist%C3%Aancia>. Acesso em: 15 ago. 2021.

reflexão questões políticas e sociais, uma vez que, pelo jogo com as palavras convida seus leitores a se questionarem sobre todos esses assuntos, para que eles não passem mais despercebidos, como muitas vezes passaram ao longo da história. Dessa maneira, evidenciamos na narração de Jaffe a “resistência como processo inerente à escrita” (BOSI, 2002, p. 120).

A respeito disso, trouxemos na epígrafe deste capítulo o que a autora Noemi Jaffe gentilmente nos respondeu via e-mail<sup>5</sup> sobre o questionamento: como o livro é/funciona para ela como uma forma de resistência. A última parte de sua resposta é vista claramente em *O que os cegos estão sonhando?*, como Jaffe afirma “a própria força de contar histórias, que é uma das formas mais poderosas e criativas de sobrevivência e de resistência”. Uma vez que nesse livro, ela nos conta muitas histórias, como por exemplo quando escreve sobre um episódio em que sua mãe precisou dormir em meio à serragem e estava com piolhos: “numa noite, precisamos dormir no meio da serragem. Eu sabia que tinha muitos piolhos, por isso me despi, dobrei minhas roupas e dormi nua. Assim, os piolhos não iriam infestar minha roupa” (JAFJE, 2012, p. 123). A filha atenta para o fato de sua mãe mesmo em uma situação como essa ter sido capaz de se preocupar em despir-se e deixar sua roupa separada/distante para que os piolhos não a infestassem:

Como imaginar que ela pode ter entrado em tantos detalhes a ponto de pensar nos piolhos infestando sua roupa, ter paciência e disposição para dormir nua e, o que mais impressiona, ter preocupação de dobrar a roupa? Primo Levi também conta dos trabalhadores, que, apesar do trabalho sem destino nem necessidade que realizavam, como erigir muros inúteis, ainda esmeraram-se em construir como o máximo de rigidez e eficiência e recusaram-se a enganar os alemães. Por que trabalhar com eficiência, por que dobrar as roupas? Será por um sentido interno de dignidade, ou será para impressionar os alemães? E, se for isso, será que se mantém, no prisioneiro de guerra, uma ilusão de que ainda é possível agradar ao carrasco? [...] (JAFJE, 2012. p. 122-123).

A partir desse trecho do diário de Lili, no capítulo intitulado por Jaffe como *Dignidade*, essa pensadora da linguagem além de demonstrar interesse pelas particularidades das palavras, bem como, afinidade pela etimologia, irá refletir sobre esse tema:

---

<sup>5</sup> Encaminhamos para o e-mail da autora a seguinte pergunta: “Na sua opinião, como o livro é/funciona como uma forma de resistência?”

O dicionário etimológico diz que *dignidade* vem de merecimento, como no caso de 'ser digno de'. Se é mesmo assim, esta dignidade que hoje se compreende como um sentido de autoestima, de orgulho da própria personalidade e de manutenção de uma certa hombridade, tem origem, na verdade, em uma mera demonstração de que um indivíduo inferior é capaz de fazer jus à sua posição inferior; ele a merece [...] (JAFFE, 2012, p. 123).

Nessa linha de pensamento, observamos que o sentido de resistência também está atrelado a alguns de seus sinônimos como: decisão, força, constância, determinação e perseverança.

Camus vê resistência em Sísifo: porque ele combate o destino, ao aceitar a inutilidade de sua tarefa. E é por isso também que há heroísmo em aceitar ir para a câmara de gás sem opor resistência. Não porque ela fosse inútil; mas porque não resistir podia ser a mais corajosa forma de resistência (JAFFE, 2012, p. 124).

Evidenciamos nessa passagem o tema da resistência sendo abordado por essa estudiosa das letras, que ao fazer referência ao escritor Albert Camus e à mitologia grega, retoma e enfatiza o fato de sua mãe ter tido coragem de se oferecer para morrer em umas das câmaras de gás do Holocausto.

Ao contrário de sua mãe, Noemi se posiciona claramente sobre questões como ódio, raiva e perdão, mesmo fazendo isso de uma maneira muito delicada e polida, quando poderia e teria todo direito de o fazer de uma forma mais dura, já que uma das pessoas mais importantes de sua vida foi vítima de episódios reais de dor e covardia extremas. Entretanto, optou por refletir por meio de sua relação íntima com as palavras, isto é, como conhecedora das palavras e de seus reais e possíveis significados, preferiu escolher as que melhor lhe permitiram expor seus sentimentos em relação às atrocidades suportadas pela pessoa que lhe deu a vida, sua mãe.

Onde fica a raiva dela? Em algum lugar há de estar. Deve ser uma raiva comprimida, em estado de condensação e depuração máxima ou deve estar escondida em todos os cantos, agindo milimetricamente como uma abelha ou uma aranha imperceptível, que vai construindo sabiamente sua morada. Ela age como um fio, um véu, mas está ali, inclusive no esquecimento e na conciliação. A conciliação a qualquer custo é uma forma de manifestação da raiva; uma vingança refinada.

Suas filhas padecem do mesmo mal. Como é difícil simplesmente odiar! Dizer o que se pensa, cuspir a raiva e dizer não quero, não gosto, não vou. A supressão da raiva cria uma personalidade concessiva e contemporizadora, que pode facilmente se confundir com generosidade integral. Possivelmente, toda grande generosidade esconde alguma grande raiva. As filhas sentem raiva por ela não sentir raiva? [...] (JAFFE, 2012, p. 117).

Escrevendo em terceira pessoa, a filha de Lili partilha as memórias de sua mãe e destaca o fato de ela fazer escolha sobre o que procurou lembrar:

Ela sempre se lembra das mesmas coisas. Se tentamos fazê-la lembrar de algo diferente, além das histórias que ela sempre conta, não se lembra de nada. A filha tenta pegá-la em flagrante, de forma inesperada, tenta estabelecer associações livres, inéditas, mas não sai nada, ou quase nada. Parece que sua memória é fixa. Lendo o diário, a filha percebe que as histórias que ela conta são exatamente aquelas que estão escritas ali. Provavelmente, ela fixou a memória do que escreveu. Ou melhor, fixou porque escreveu (JAFFE, 2012, p. 196).

Noemi observa o fato de a memória da mãe selecionar o que quer que seja lembrado e recordar sempre as mesmas coisas. Nessa esteira, ela representa a segunda geração de alguém que sobreviveu às barbaridades em Auschwitz, assim, ela chama a atenção para manter vivas as memórias e histórias de sua mãe, bem como a de milhares de homens e mulheres sobreviventes ou não do Holocausto. Desse modo, seus escritos também possibilitam conhecer além da história de sua mãe, histórias de várias sobreviventes, que merecem e devem ser conhecidas, sobretudo como uma forma de aprendizado para que um passado assim não se repita. E ela faz isso através de apropriações conceituais adquiridas ao longo de sua carreira acadêmica e profissional:

Em Schopenhauer, onde Nietzsche foi buscar sua ideia, a vontade também é uma força metafísica, inevitável e fonte, não só da criação, mas também de todo o sofrimento humano. A carga relacionada à vontade, em Schopenhauer, tem significação pessimista. Também esta noção foi utilizada às avessas pelo nazismo, pois nele a vontade é sempre auspiciosa, responsável pela vitória que se vislumbra no futuro. Ela não é determinada, mas determinante, e a única força metafísica da Terra é o próprio Führer, substituto das vontades que aparecem em Nietzsche e em Schopenhauer. Se há algo imanente no nazismo, esse algo - abstrato, categórico, necessário - é o Führer, razão da existência de todo o povo alemão (JAFFE, 2012, p. 214).

Por meio de referências às várias áreas do conhecimento como a filosofia, Jaffe traz para discussão o tema do nazismo e demonstra resistência em seus escritos. É nesse mesmo tom que a filha de Lili manifesta ao longo de sua escrita um pouco da dimensão de todo sofrimento enfrentado por sua mãe nos campos de concentração:

#### Oração

Que o passado não seja uma cebola. Que as mulheres que assavam doces enquanto esperavam a chegada dos nazistas possam permanecer ali, no lugar e no tempo em que elas fizeram isso, e que não as perturbemos com nossa entrada teimosa em sua vida, já tão saturada de fatos. Será que eles ainda precisam que as mulheres do futuro as venham sobrecarregar ainda mais? Que as mulheres do passado fiquem lá, escrevendo seus nomes em suas malas, com canetas que emprestaram do sapateiro, do vizinho, do tipógrafo. E que nós, as mulheres de agora, lembremos delas como se faz uma carícia, sem invadir suas tarefas, seu pesar. [...] Que possamos deixar a morte lá, sozinha, no lugar que ela ocupou. Que a morte não venha do passado para assustar a vida de agora. Que agora respire só o fumo do passado e que esse ar irrigue como uma brisa. Que as avós fiquem sossegadas (JAFFE, 2012, p. 226).

No capítulo curto denominado “Oração”, há um nítido exemplo da resistência dessa escritora, que suplica para que eventos catastróficos como esses não sejam repetidos e o desejo (como se isso fosse possível) de que as marcas de tudo o que foi vivido naquele contexto não venham atrapalhar a vida dessas mulheres nesta “outra vida” que terão a partir daquele distanciamento físico do horror. Que as lembranças não afetem a vida de agora em diante. Imaginar formas diferentes para os horríveis acontecimentos ocorridos com sua mãe e outras mulheres capturadas e feitas prisioneira pelos alemães faz com que a escrita de Jaffe seja fonte de resistência.

O livro de Jaffe funciona como estratégia de resistência ao apagamento da memória desses fatos verídicos do passado, a partir das diferentes visões da filha e da neta de Lili, essas escritas exploram diferentes gêneros textuais, como o poema. E sobre isso Alfredo Bosi (1977) pontua que:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, ‘esta coleção de objetos de não amor’ (Drummond). Resiste ao contínuo ‘harmonioso’ pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do

passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI, 1977, p. 146).

Sabemos que Noemi como descendente de alguém que passou por uma realidade hostil, poderia perfeitamente relatar esses acontecimentos de uma maneira mais “crua” do início ao fim de livro, entretanto ela quebra nossas expectativas enquanto leitores, escreve de maneira “amena”, trazendo poemas em forma de prosa, dá uma nova imagem ao que poderíamos pensar em relação ao seu posicionamento.

O amor de mãe é como o *m* que a constitui. É tão abissal que chega a ser ridículo. O amor de uma mãe é ridículo, patético. Uma mãe não pode amar tanto. O filho quer e não quer o amor tão grande da mãe. Mas a mãe não se importa; ela o ama, mesmo que ele não queira tanto amor e, pior, ama-o ainda mais por isso. Ela ama quando odeia, ela odeia amar tanto. Já vi mãe que mastigam quando o filho come; que choram quando o filho chora. Mãe é louca. Por que as mães existem, por que amam tanto, por que morrem? Por que Deus permite / que as mães vão-se embora? / Mãe não tem limite, / é tempo sem hora [...]” (JAFFE, 2012, p. 131-132).

Ao valer-se do afeto, Jaffe mostra-nos as muitas faces da resistência por meio da escrita, e evidencia o que propõe Alfredo Bosi: “A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido [...]; ora a melodia dos afetos em plena defensiva [...]; ora a crítica direta ou velada desordem estabelecida” (BOSI, 2000, p. 165).

Embora escreva em terceira pessoa, a narração de Noemi configura uma crítica direta à desordem estabelecida pelo nazismo e outros governos ditatoriais:

O que a filha mais teme no mundo é que seus filhos tenham que passar pela guerra; passar fome. Que ela e eles sejam separados por alguma guerra. Que governos, causas, espíritos coletivos, possam ter a força violenta de separar uma mãe de seus filhos. Que alguém considere isso justo; que as separações tenham justificativas (JAFFE, 2012, p. 130).

Jaffe revela nesse trecho seu medo de que separações entre mãe e filhos causadas pelas guerras tornem a acontecer e reitera o desejo de que se caso algo semelhante vier a acontecer, que tenha motivos justos.

### 3.3 Leda Cartum: escrita e não esquecimento

A filha de Noemi e neta de Lili, graduada em Letras, roteirista e autora de vários livros, permite-nos verificar em seus escritos também uma resistência enorme, assim como a de sua mãe, ao mesmo tempo que uma maior capacidade de aceitação e superação, estando um pouco mais longe de suas descendentes, mas não com menos amor, talvez tente mostrar-se mais forte para sua mãe:

Eu tinha, tenho vontade de puxar os fios para ver se encontro alguma coisa que explique melhor aquilo que sou, que somos: mas sei que são apenas fios, e que quando começo a puxá-los a trama toda se revela um grande nó, e compreendo que ela sempre foi um grande nó. [...] É como esse gesto de puxar os fios de uma trama impossível que leio o diário da minha avó. Sento-me para ler e quero reconhecer a garota de dezenove anos escrevendo aquilo que tinha acabado de viver: é preciso transferir o tempo e desmontar gerações na procura pelo momento em que minha avó sentou-se para escrever. Sempre esse movimento de resgate, da busca pela volta de algo que não volta [...] (JAFFE, 2012, p. 237).

A neta recorre à ficção para denunciar os absurdos sofridos por sua avó, sobrevivente de um evento histórico traumático. Em vista disso, essa terceira geração nos mostra assim como a mãe, a necessidade e o desejo de que o ocorrido com Lili não seja esquecido, ou seja, procura manter viva a memória de sua progenitora:

Não se pode perder, é preciso lembrar, é preciso segurar-se nesse movimento misterioso que faz a lembrança, sobretudo a lembrança do que não vivemos e que no entanto carregamos. Minha avó, em seu diário, de fato se lembra, porque de fato viveu: e compartilha conosco suas memórias ainda frescas, reais como nada que poderíamos jamais escrever ou lembrar. É preciso sentar-se e ler as palavras da minha avó. É preciso conhecer estas palavras que guardam, cada uma, uma verdade que não conhecemos - e que no entanto apalpamos, apalpamos e não sentimos nada (JAFFE, 2012, p. 237).

Como prova desses afetos e amores intergeracionais, pelo viés da neta também não vemos ódio em suas palavras, ela faz um apelo aos seus leitores, com o intuito de salientar sobre o fato real acontecido com sua avó. Apesar de demonstrar saber lidar “bem” com as dores sofridas pela matriarca da família, ela enfatiza o fato de Lili ser uma prova viva de um dos momentos mais cruéis da

história, isto é, chama a atenção para o não esquecimento de tudo que aconteceu a essa e a outros sobreviventes do Holocausto.

Não somos cúmplices da guerra ou dos campos de concentração, porque não estivemos ali, porque viemos depois; mas somos todos cúmplices desta lembrança. Todos nós dividimos entre nós este peso do que aconteceu com aqueles que eram como nós: e é preciso que consigamos, através desta cumplicidade, acreditar que aconteceu aquilo que não podemos conceber (JAFFE, 2012, p. 236)

Tal qual a escrita de sua mãe, os escritos de Leda culminam para o que propõe Bosi (1996):

[...] a escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa 'vida como ela é' é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 1996. p. 23).

Nesse sentido, a neta de Lili procura identificar as dificuldades enfrentadas e reflete sobre como e o quê fazer diferente, com isso, percebemos seu amadurecimento e superação.

É muito difícil visualizar a guerra. Tudo o que vêm são cenas vagas, obscuras, um misto de imagens que vi em filmes quase sempre em preto e branco; nada que se aproxime de algo que eu possa chamar de real. Difícil entender que esses eventos, dos quais já tanto se falou, de fato aconteceram, tiveram um lugar concreto no mundo: muito mais difícil ainda realizar que foram meus avós, os pais dos meus pais, que estiveram ali, no meio disso tudo. Eles presenciaram esta guerra; e eu não sei mesmo acreditar totalmente que ela aconteceu (JAFFE, 2012, p. 235).

A escrita consciente e crítica de Leda corrobora para que as lembranças das situações traumáticas experienciadas por sua avó e milhares de outras pessoas não sejam facilmente apagadas. Assim, ela resiste ao apagamento da memória desse evento violento, salientando que: "a resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico" (BOSI, 1996, p. 26).

A neta enfatiza a urgência e a necessidade de evocar uma memória que não é dela, atentando especialmente para o fato de ter que lembrar a si mesma

dessas lembranças, as quais ela homenageia e ainda confere sua origem:

Não tenho as ferramentas para acreditar, e preciso reiterar constantemente que é dessa guerra que eu vim, foi essa guerra que me trouxe para cá onde nasci e vivo. É preciso estar um passo atrás desses acontecimentos atuais, na tentativa de conceber algo que não vivi mas que me faz viva. Talvez esse seja um dos destinos marcados daqueles que descendem dos sobreviventes: a necessidade de recuperar algo que não pode ser recuperado, a constante sensação de estar puxando uma linha cujo anzol não fagocitou nada, apesar de pesar muito. Quanto mais as coisas parecem se esclarecer, menos sentido elas fazem: minha avó esteve em Auschwitz. Meus avós perderam pai, mãe, família, casa (JAFFE, 2012, p. 235).

Ao narrar suas impressões sobre a visita aos campos de concentração, a filha de Noemi manifesta seu ponto de vista e revela de que maneira ela percebe que descender de uma sobrevivente de guerra afeta sua vida.

Ao contrário da literatura de propaganda - que tem uma única escolha, a de apresentar a mercadoria ou a política oficial sob as espécies da alegoria do bem -, a arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele (BOSI, 1996, p. 16).

A presença das consciências dessas narradoras, que se relacionam com seus meios sociais, refletem e os questiona, são as marcas dessa narrativa de Jaffe. Assim, ambas resistem à opressão e aos traumas causados por Hitler e o Holocausto escrevendo que infelizmente esse genocídio realmente aconteceu e ceifou milhões de vidas. Nessa perspectiva, as escritas dessas duas mulheres testemunhas de uma sobrevivente de Auschwitz representam resistência. Nesse sentido, essas experiências narrativas, apresentam um discurso diferente do documento histórico.

Na tentativa de manter vivas as memórias de Lili, uma testemunha de guerra, na escrita de *O que os cegos estão sonhando?*, essas mulheres resistem ao nazismo, pois essas duas gerações expõem e denunciam as feridas do luto como herdeiras do trauma. Lembramos que essas são apenas algumas das vozes e histórias que puderam ser ouvidas e trazidas à tona, enquanto milhões de outras foram apagadas e silenciadas.

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida

verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (BOSI, 1996, p. 27).

Nessa direção, reiteramos que as escritas de Noemi e Leda são modos de resistência, uma vez que a obra de Jaffe é um meio utilizado para registrar as marcas deixadas pelos nazistas e para expressar angústias, indignações e questionamentos. Assim, essas narradoras demonstram suas impressões que implicam recusa em ficarem caladas sobre o que foi partilhado com elas por essa sobrevivente a respeito de um evento trágico e nos fornece um outro olhar sobre ele, diferente dos registros históricos, contribuindo para que não caiam no esquecimento.

Notamos nas narrações de *O que os cegos estão sonhando?* um claro movimento de resistência por meio da escrita, que confirma e denuncia as barbáries do Holocausto, tira do silenciamento e do apagamento a escrita de mulheres e dos sobreviventes de guerra.

Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio (BOSI, 1996, p. 23).

Dessa maneira, essas escritas cumprem o papel da resistência contra o esquecimento das atrocidades cometidas pelos nazistas, para que atos violentos contra a sociedade não se repitam. Logo, concordamos com Bosi quando afirma que “a escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha” (BOSI, 1996, p. 27). Além disso, sublimamos o que Noemi Jaffe diz: “a força de resistência de uma sobrevivente é inspirador para todos os tipos de sobrevivência, desde as mais triviais (sobreviver ao dia dia) até as mais dramáticas, como mortes, pandemias e governos desastrosos” (JAFFE, 2021, n.p). Em outras palavras, esses escritos também permitem-nos refletir inclusive sobre sermos resistentes aos os tiranos e opressores que estão no poder na sociedade atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Noemi Jaffe, ao escrever *O que os cegos estão sonhando?* retoma a trajetória de sua mãe. Paralelo ao relato histórico de uma sobrevivente do Holocausto, a autora registra a sua própria visão, bem como, a de sua filha, em relação aos fatos vivenciados por Lili Jaffe, por meio de impressões e resgates da memória e do testemunho.

Os escritos no diário de Lili compreendem a (re) construção de sua nova “vida” e a representação de uma identidade/memória coletiva/social. Esse testemunho demonstra a necessidade de se falar sobre o horror. Noemi Jaffe e Leda deparam-se com a necessidade de narrar o trauma, e a matéria prima utilizada ampara-se na dor por reconhecer o sofrimento da mãe/avó.

Assim, ocorre um caminho duplo: o reconhecimento do horror por intermédio dos sofrimentos vivenciados por Lili, a testemunha “verdadeira” e, de outro, pelos muitos e heterogêneos relatos sobre a catástrofe que vêm à tona durante a rememoração do fato, gerando, pois, uma forma de resistência, ao fazer emergir todo o sofrimento vivenciado por sobreviventes do Holocausto. Desse modo, a literatura é vista como lugar de memória e resistência, e nesse caso, mais especificamente, como lugar de memória social e familiar.

Lili testemunha a partir de um ângulo direto, ou seja, sua experiência nos campos de concentração fala bem mais perto da morte, já Noemi e Leda se alimentam do registro primário como forma de se aproximar da cena não vivida e lidar com a memória traumática que essa narrativa faz ecoar em sua subjetividade numa atitude de resistência, uma vez que essas vozes contribuem para não deixar morrer a memória do Holocausto.

Em um primeiro momento, vemos que com o auxílio da memória, Lili, a sobrevivente, confirma a ruptura com o silenciamento, ao escrever em um diário de guerra suas lembranças, denuncia a realidade do que foi a experiência violenta de Auschwitz, arquitetada e executada pelos nazistas. Assim, o diário funciona como um remédio para apaziguar a dor do trauma e serve como registro das atrocidades provocadas pelo nazismo. É desse modo, que podemos ver na obra de Jaffe a passagem de uma literatura de testemunho para uma literatura de resistência.

A escrita de resistência de Noemi rememora eventos que foram gerados pela leitura do diário da mãe, numa relação dialógica. O diário da mãe, com sua linguagem simples e despretensiosa funciona como uma introdução para escrita da filha e da neta. Isso gera uma tensão entre as três partes do livro, como se elas compusessem um único fragmento de um quadro familiar que une três gerações de mulheres, mas, ao mesmo tempo, ressalta três individualidades e maneiras individuais de pensar e sentir a catástrofe.

Dessa forma, filha e neta confirmam as experiências traumáticas vividas por uma sobrevivente do Holocausto, bem como de outros vários que não puderam testemunhar. Uma escrita que tem como viés dar voz aos que foram devastados diante da barbárie, assim, permite-nos conhecer a História pelo ponto de vista dos excluídos.

Em *O que os cegos estão sonhando?* ocorre uma elaboração simbólica da experiência da filha e neta de uma sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Há um entrecruzamento entre os testemunhos da mãe e a resistência dos descendentes, que se cristaliza pelo reconhecimento da responsabilidade, da culpa e do legado traumático que recaem sobre a constituição desses/as autores/as-personagens.

Em sua escrita, Noemi manifesta uma preocupação em não deformar, exagerar ou ornamentar a narrativa de sua progenitora. Tanto que Jaffe aponta o machismo da mãe, seus hábitos austeros que incomodavam as filhas e geravam atritos no seio familiar, escapando de qualquer idealização ou heroização da sobrevivente. Mas esse embate, é equilibrado por uma cumplicidade entre as três mulheres do livro pelo reconhecimento de certas qualidades herdadas e de uma identificação que ultrapassa os atritos.

Na apresentação do livro, a autora afirma: “Decidi manter aspectos particulares da escrita de minha mãe no diário, para preservar a espontaneidade e a intensidade com que ele foi escrito” (JAFFE, 2012, p. 7). Ou seja, além de intérprete, narradora e personagem de sua história, Jaffe acumula o papel de ser editora e supervisora da tradução do diário, reforçando o movimento de conjugação dos testemunhos da mãe e da neta ao eixo central criado pela filha.

*O que os cegos estão sonhando?* destaca o caráter subjetivo da criação de

uma memória conjunta, a autora apresenta uma das definições mais pungentes de sua obra: “O livro é só uma tentativa de uma filha conhecer melhor uma mãe” (JAFFE, 2012, p. 185). Segundo Marcelo Ferraz de Paula (2018), o termo “só” não significa que este objetivo seja fácil de se alcançar, ao contrário, em vários momentos se mostra cercado de lacunas e segredos intransponíveis, mas aponta para uma modéstia estratégica, que transfere a atenção da face enigmática da catástrofe para os sedimentos traumáticos que ela deixa na memória dos sobreviventes e de seu círculo afetivo mais próximo.

Na ótica de Jaffe, a filha, o diário foi o elo possível entre o passado da mãe e o presente da filha. A consumação desse elo foi cristalizada pela escrita crítica e ao mesmo tempo poética, que está condensada na figura do porta-voz da resistência. O porta-voz seria aquele que guarda a voz: num gesto confessional, ficcional, e doloroso, isto é, “ouve a voz que outra pessoa não emitiu” (JAFFE, 2012, p. 163). Mesmo guiado pela responsabilidade de ser fiel à voz que lhe foi delegada, o porta-voz só pode dizer aquilo que o dono não saberia dizer, inventando uma nova linguagem, sempre além e aquém da narrativa alheia a que deve lealdade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009

AMARAL, Fausto dos Santos. Hermenêutica: o que é isto, afinal? *In*: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GUIGGUI, Gomercindo. (org.). **Interfaces: temas de Educação e Filosofia**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, p. 39-53.

APP/EL, Marta Lia Genro. A escrita feminina contemporânea: Retratos de uma época. **Signos**, n. 1, p. 51-57, 2010. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/689>. Acesso em: 25 mar. 2021

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUSANI, Paulo César; ALVES, Marcos Alexandre. Hermenêutica, ensino de ciências humanas e atividades pedagógicas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 8, n. 11, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662202050/html/>. Acesso em: 03 jun. 2021

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets - Cultures littéraires: nouvelles performances et développement**, p. 451-461, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em 03 abr. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLAY, Diana. Resenha do livro “O que os cegos estão sonhando?”, de Noemi Jaffe. **Portal do envelhecimento**, 2020. Disponível: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-que-os-cegos-estao-sonhando/>. Acesso em: 30 mar. 2021

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, n. 10, p. 11- 27, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207>. Acesso em: 14 ago. 2021

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARGNELUTTI, Camila Marchesan; REIS, Marcus Vinicius. O gênero como categoria de subversão do patriarcado: diálogos e interseções entre Literatura e História. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, v. 17, n. 2, p. 40-55, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/27/22>. Acesso em: 19 dez. 2021.

CASARIN, Jéssica. Literatura de autoria feminina contemporânea e resistência: O Mulherio Das Letras. **Humanidade e Inovação**: v. 8, n. 38, p. 309-322, 2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yRe82WnsQdIJ:https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4426/2708+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 24 dez. 2021

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, v. 16, p. 91-101, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/116009/113675>. Acesso em: 24. dez. 2021.

COSTA, José Carlos da; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória na literatura e na cultura. **Revista Investigações**, v. 23, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1338>. Acesso em: 11 jul. 2021

CRISTÓFANO, Sirlene. Hermenêutica e Literatura: aportes para interpretação e compreensão do mundo. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 73-86, jan./jul., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1604>. Acesso em: 11 jul. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar de fala. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012

DUARTE, Constância Lima. O Cânone Literário e a Autoria Feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, p. 85-94, 1997

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina - Mulheres em cena, na história e na memória. **Línguas & amp**, v. 15, n. 30, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658>. Acesso em: 09 out.

2021.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o “bloco mágico”. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 253-262.

FUX, Jacques. Até quando os cegos continuarão sonhando? **Revista de Letras**, v. 2, n. 32, ago./dez., 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1465/1363>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne. Orelha de livro. *In: JAFFE, Noemi. O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

JAFFE, Noemi. **A literatura causa espanto, mas não muda o mundo**. Entrevista concedida a Ruan de Sousa Gabriel. 28 de jul. 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/noemi-jaffe-literatura-causa-espanto-mas-nao-muda-o-mundo.html>. Acesso em: 03 abr. 2021

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?** São Paulo: Editora 34, 2012.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LORENZ, Federico. Resistências. *In: SARMENTO-PANTOJA, Augusto et al. Memória e resistência: percursos, histórias e identidades*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 nov. 2021.

OTSUKA, Raquel Teixeira; RODRIGUES, Taise Cristiane; LEITE, Suely. Liricidade na prosa: contos de Olga Savary e Florbela Espanca. *In: Seminário internacional Fazendo Gênero*, Anais, 2012, Florianópolis. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386610959\\_ARQUIVO\\_RaquelTeixeiraOtsuka.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386610959_ARQUIVO_RaquelTeixeiraOtsuka.pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.

PAULA, Marcelo Ferraz de. O testemunho oblíquo em O que os cegos estão sonhando?, de Noemi Jaffe, e Maus, de Art Spiegelman. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 55, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2316-40182018000300285&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182018000300285&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 25 maio 2020.

RODRIGUES, Breno Fonseca. Memória e testemunho: a fragilidade da narrativa em O que os cegos estão sonhando?, de Noemi Jaffe. **Arquivo Maaravi - Revista Digital de Estudos Judaicos**, Minas Gerais, v. 10, n. 8, p. 45-49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14308>. Acesso em: 01 abr. 2020

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez/1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História**, v. 30, p. 71-98, jun., 2005. Disponível em: [http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Artg-\(Marcio\).pdf](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Artg-(Marcio).pdf) Acesso em: 12 maio 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **PSIC. CLIN.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65 – 82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2021

SILVA, Raysa Luana, da. A questão da memória em narrativas de testemunho. Minas Gerais, **Revista do SELL.**, 2014, v. 4, n. 2. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/459>. Acesso em: 01 jul. 2021

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III). **Revista Tempo e Argumento**, v. 2, n. 1, p. 247- 250, 2010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1941>. Acesso em: 01 maio 2021.

SOUZA, Pedro Thiago Santos de. Fenomenologia-hermenêutica como método de pesquisa em literatura. *In*: NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do; PINHEIRO, Everton Vasconcelos; LIRA, Monike Rabelo da Silva; SERRÃO, Tayse da Silva

(orgs.). **Metodologia da Pesquisa em Estudos Literários**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2018, p. 199-210.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. Memória e Literatura: Contribuições para um estudo dialógico. **Linguagem em (re)vista**, n. 11/12, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. Entre o ser e o estar: O feminino no discurso literário. **Guairacá - Revista de Filosofia**, v. 25, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guairaca/article/view/1125>. Acesso em: 26 mar. 2021.

WAKI, Fábio. A voz da dignidade em O que os cegos estão sonhando? de Noemi Jaffe. **Revista Veredas**, n. 32, p. 38-56, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/591/466>. Acesso em: 03 abr. 2021.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Leitura**, v. 2, n. 18, p. 87-95, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825>. Acesso em: 12 out. 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 319-330.